



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO

NELSON FERREIRA PINHEIRO

**O PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PESSOAS QUE ATUAM NO SETOR  
INFORMAL DE PRODUÇÃO E VENDA DE TAPIOCA NA CIDADE DO RECIFE**

Recife

2018

NELSON FERREIRA PINHEIRO

**O PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PESSOAS QUE ATUAM NO SETOR  
INFORMAL DE PRODUÇÃO E VENDA DE TAPIOCA NA CIDADE DO RECIFE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão da Informação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Gestão da Informação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Nadi Helena Presser.

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

P654p	<p data-bbox="422 1198 694 1220">Pinheiro, Nelson Ferreira</p> <p data-bbox="443 1227 1244 1332">O perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca na cidade do Recife / Nelson Ferreira Pinheiro. – Recife, 2018. 71f.: il.</p> <p data-bbox="481 1361 853 1384">Orientadora: Nadi Helena Presser.</p> <p data-bbox="443 1391 1244 1467">Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Ciência da Informação. Curso de Gestão da Informação, 2018.</p> <p data-bbox="481 1500 670 1523">Inclui referências.</p> <p data-bbox="443 1556 1244 1635">1. Setor informal. 2. Produção e venda de tapioca. 3. Perfil socioeconômico. 4. Método de <i>survey</i>. 5. Variáveis socioeconômicas. I. Presser, Nadi Helena (Orientadora). II. Título.</p> <p data-bbox="481 1691 702 1713">020 CDD (22. ed.)</p> <p data-bbox="973 1691 1212 1713">UFPE (CAC 2019-04)</p>
-------	---

NELSON FERREIRA PINHEIRO

**O PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS PESSOAS QUE ATUAM NO SETOR  
INFORMAL DE PRODUÇÃO E VENDA DE TAPIOCA NA CIDADE DO RECIFE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão da Informação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Gestão da Informação.

Aprovado em: 07/12/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Nadi Helena Presser (Orientadora)  
UFPE

---

Profa. Dra. Ana Cristina Fernandes (Examinadora Externa)  
UFPE

---

Prof. Dr. Francisco Jatobá (Examinador Externo)  
UFPE

---

Prof. Dr. Silvio de Paula (Examinador Interno)  
UFPE

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me fortalecido nos momentos difíceis e não ter me deixado desistir.

A Universidade Federal de Pernambuco e todo o corpo docente por ter me feito crescer profissionalmente, enriquecendo meus conhecimentos, a direção e administração pela oportunidade de estar cursando em uma das melhores Universidades do Brasil.

A Profa. Nadi pelo suporte, correções e incentivo para a conclusão deste trabalho apoio e orientação.

A Banca Examinadora pela disponibilidade para avaliar este trabalho de conclusão de curso.

E, agradeço também, a minha família por ter me apoiado em todos os momentos difíceis e que me encorajou a continuar.

## RESUMO

Os setores formal e informal representam um contínuo de atividades inter-relacionadas em vez de esferas separadas. Porém, uma das características do setor informal é que não está regulado em um ambiente legal e social em que atividades similares são reguladas. Os trabalhadores informais já desistiram de procurar emprego, ou deixaram de contar com suporte material para fazê-lo. Neste TCC se elabora um questionário que descreve o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca em Recife. Correspondente aos objetivos específicos identifica variáveis que descrevem o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca em Recife; estabelece associações entre variáveis de modo que índices combinem vários itens do questionário, evitando assim os vieses inerentes aos itens únicos; identifica o melhor modo de aplicação do questionário considerando as características peculiares das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca. Pesquisa bibliográfica se concentra na temática sobre perfil socioeconômico e sobre métodos e técnicas quantitativos em pesquisa social. Pesquisa exploratória, no início do estudo, o problema a ser investigado não estava totalmente definido e faltavam informações para a sua compreensão completa do tema. Na elaboração do questionário opta-se por perguntas estruturadas, com respostas fechadas. Além disso, um formato de perguntas abertas oferece abertura aos respondentes darem suas próprias respostas. Na proposição do questionário socioeconômico, a escolha de algumas variáveis é justificada com base em autores, legislações ou com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A estratificação tem como núcleo central as pessoas que atuam na produção e venda de tapioca, mais propriamente as suas condições de vida e de trabalho. Para tanto, propõe-se o levantamento de um rol de dados socioeconômicos sobre suas rendas, composição demográfica familiar, nível educacional e condições habitacionais, entre outras variáveis relevantes que estão estabelecidas no questionário, subsidiando as intervenções nos processos de inovação inclusivas subsequentes. O método de *survey* presencial, com ajuda de um entrevistador, se revela o mais adequado para ser aplicado, devido às condições peculiares dos respondentes.

Palavras-chave: Setor informal. Produção e venda de tapioca. Perfil socioeconômico. Método de *survey*. Variáveis socioeconômicas.

## ABSTRACT

The formal and informal sectors represent a continuum of interrelated activities rather than separate spheres. However, one of the characteristics of the informal sector is that it is not regulated in a legal and social environment in which similar activities are regulated. Informal workers have already given up looking for a job, or no longer have the material support to do so. In this CBT a questionnaire is elaborated that describes the socioeconomic profile of the people who work in the informal sector of production and sale of tapioca in Recife. Corresponding to the specific objectives, it identifies variables that describe the socioeconomic profile of the people who work in the informal sector of production and sale of tapioca in Recife; establishes associations between variables so that indices combine several items of the questionnaire, thus avoiding the biases inherent to single items; identifies the best way of applying the questionnaire considering the peculiar characteristics of the people who work in the informal sector of production and sale of tapioca. Bibliographical research focuses on the topic of socioeconomic profile and quantitative methods and techniques in social research. Exploratory research at the beginning of the study, the problem to be investigated was not fully defined and lacked information for their complete understanding of the topic. In the elaboration of the questionnaire we opted for structured questions, with closed answers. In addition, an open-ended questionnaire format offers openness to respondents to give their own answers. In the proposal of the socioeconomic questionnaire, the choice of some variables is justified based on authors, legislation or based on the Brazilian Institute of Geography and Statistics. The stratification is centered around the people who work in the production and sale of tapioca, more properly their living and working conditions. To do so, it is proposed to collect a set of socioeconomic data on their incomes, family demographic composition, educational level and housing conditions, among other relevant variables that are established in the questionnaire, subsidizing interventions in subsequent inclusive innovation processes. The face-to-face survey method, with the help of an interviewer, reveals the most appropriate to be applied, due to the peculiar conditions of the respondents.

**Keywords:** Informal sector. Production and sale of tapioca. Socioeconomic profile. Method of survey. Socioeconomic variables.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Configuração informal versus economia informal.....	21
Quadro 1 – Cinco principais indicadores de qualidade dos dados.....	28
Quadro 2 – Resumo de possíveis vieses por modo de administração de questionário.....	29
Quadro 3 – Síntese dos efeitos do modo de coleta de dados na qualidade dos dados.....	38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.1 PROBLEMAS DE PESQUISA .....	12
1.2 OBJETIVOS .....	12
1.3 JUSTIFICATIVA .....	13
1.4 ESTRUTURAS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC .....	14
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA</b> .....	<b>15</b>
2.1 AS ORIGENS E AS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO INFORMAL .....	15
<b>2.1.1 Os diferentes significados de informalidade e suas origens</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1.2 As origens e as características do setor informal de produção e venda de tapioca de Recife</b> .....	<b>21</b>
2.2 <i>SURVEY</i> COMO MÉTODO DE COLETA DE DADOS SOCIOECONÔMICOS .....	23
<b>2.2.1 Formato e design do questionário</b> .....	<b>25</b>
<b>2.2.2 Confiabilidade e validade dos dados de <i>survey</i></b> .....	<b>26</b>
<b>2.2.3 Potenciais vieses das três pesquisas tradicionais e <i>online</i></b> .....	<b>28</b>
<b>2.2.4 Erros de não medição e erros de medição</b> .....	<b>30</b>
2.2.4.1 Erros de não medição .....	30
2.2.4.2 Erros de medição .....	32
2.3 ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS EM PESQUISAS SOCIAIS .....	39
<b>2.3.1 Medidas para avaliar o perfil socioeconômico</b> .....	<b>41</b>
<b>2.3.2 Uso de indicadores no estudo socioeconômico</b> .....	<b>44</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>47</b>
3.1 COLETAS DE DADOS, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	48
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISES</b> .....	<b>49</b>
4.1 JUSTIFICATIVAS PARA AS ESCOLHAS DAS VARIÁVEIS E DAS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO .....	49
<b>4.1.1 Sobre o nome das pessoas</b> .....	<b>50</b>
<b>4.1.2 Sobre a identidade de gênero</b> .....	<b>51</b>
<b>4.1.3 Sobre a etnia</b> .....	<b>52</b>
<b>4.1.4 Sobre a escolaridade</b> .....	<b>52</b>
<b>4.1.5 Sobre os rendimentos</b> .....	<b>53</b>
<b>4.1.6 Sobre as condições habitacionais e escolaridade</b> .....	<b>53</b>
<b>4.1.7 Sobre o setor informal</b> .....	<b>55</b>
4.2 PROPOSIÇÕES DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO .....	55
4.3 SELEÇÕES DO MODO DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO .....	60
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>62</b>
5.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO .....	64
5.2 SUGESTÕES NOVAS PESQUISAS .....	65
<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Embora não há um consenso na literatura sobre sua conceituação e nas pesquisas empíricas tampouco sobre como medi-lo, o perfil socioeconômico constitui um determinante-chave para a análise de dados em todas as pesquisas sociais. O nível socioeconômico aparece em inúmeros estudos como variável explicativa ou de controle para a análise de diversos fenômenos sociais (ALVES; SOARES, 2009).

O interesse sobre este estudo, cuja temática é a construção de um questionário que de conta de descrever o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca, surgiu no sentido de desenvolver um instrumento próprio que retrate a condição desse público e sirva de referência para o grupo de pesquisa Prospecção e Práxis em Gestão da Informação para desenvolver seu projeto de pesquisa: Inovação Inclusiva: projetando recursos de informação no comércio informal de tapioca.

No referido projeto, uma das etapas é identificar o perfil socioeconômico das pessoas que trabalham no setor informal de produção e venda de tapioca. O conhecimento das características socioeconômicas das pessoas que produzem e vendem tapioca se constitui recurso de planejamento de ações tanto informacionais como de inovações inclusivas.

No mencionado projeto, inovação inclusiva é definida com base em Berdegú (2005), como o processo de criação e desenvolvimento de soluções tecnológicas e inovadoras, que gere e coloque em uso novos conhecimentos e que expanda as capacidades e oportunidades das pessoas que atuam no setor informal, a fim de melhorar a sua qualidade de vida, o processo produtivo e a geração de emprego e renda dessa população. Por conseguinte, a inovação inclusiva aponta para o contexto de informação dentro do qual as pessoas estão atuando (COOL, 2001) e sugere uma agenda de pesquisa com agentes de informação públicos e privados visando potencializar o processo de criação e desenvolvimento de soluções inovadoras inclusivas nos processos, serviços e produtos realizados por pessoas que atuam em ambientes de trabalho informal.

Uma prática comum nas grandes cidades, assim como em Recife, é o consumo de comida nos espaços públicos, principalmente nas praças e ruas. Esta prática compreende uma opção de economia de subsistência viável para grande parte da população e encontra-se estabelecida nas mais distintas regiões do país como resposta a uma série de circunstâncias sociais, culturais e econômicas. “Tal prática fortalece esse tipo de serviço informal que, além

de isento de impostos, oferece baixo custo ao consumidor.” (SOUSA; BRUM; ORLANDA, 2013, p. 80).

Mais de meio milhão de brasileiros hoje vende algum tipo de alimento nas ruas. A informação é de um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado pela Folha de São Paulo (2018). Em uma progressão, o que se lê na reportagem, é que o número de pessoas que ganham o sustento como ambulantes ou camelôs de alimentação saltou de 253,7 mil no terceiro trimestre de 2016 para 501,3 mil no mesmo período de 2017. Segundo a mesma reportagem, em 2015, quando a atividade começava a dar sinais de que seria uma alternativa à crise, esse patamar rondava os 100 mil, conforme levantamento feito pelo IBGE, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua). Aos que discursam tentando apresentar o fenômeno como um crescimento do “empreendedorismo” no Brasil, os próprios trabalhadores submetidos a essas condições respondem o contrário. A maior parte perdeu o emprego e está há muito tempo na tentativa por uma vaga no trabalho formal. “Fui por necessidade”, disse um vendedor de tapioca, entrevistado pela Folha. O coordenador do IBGE Cimar Azeredo afirma, também, que não se trate de um movimento empreendedor voluntário do brasileiro, mas sim um modo de sobrevivência.

Um exemplo da culinária regional e local que ocupa as ruas das grandes cidades nordestinas brasileiras é a tapioca, sendo o comércio informal o principal meio de acesso utilizado pela população para o consumo do referido alimento, já considerado típico.

A tapioca, também conhecida como beiju, é um alimento de origem indígena, muito comum no Nordeste e Norte do Brasil. Atualmente, faz mais sucesso devido ao seu valor nutritivo e o fato de não conter glúten. Tapioqueiros (as) são as pessoas que fazem e vendem a tapioca.

Os vendedores fixos (também denominados camelôs) instalam seus pontos de venda nas praças públicas, nas ruas, pontos de ônibus, metrô, no entorno de colégios, empresas, órgãos públicos, entre outros. Usam uma barraca, um veículo ou carrinho de lanche, porém atuando em algum local fixo específico.

Os vendedores itinerantes (também denominados ambulantes) atuam de dois modos diferentes: a) podem mudar de ponto de venda, porém com rotas pré-estabelecidas. Pela manhã vendem na estação do metrô, depois se instalam no entorno de um colégio, e no final de semana vendem no entorno de uma igreja, e assim por diante. Eles podem usar um veículo, um carrinho de lanche ou até mesmo somente uma caixa de isopor com a quantidade de

tapioca já programada para a venda. b) não tem um ponto pré-estabelecido, nem uma programação de vendas. Aproveitam algum evento específico ou um dia de praia e vendem a tapioca no local, andando entre o público para oferecer o produto, na maioria das vezes com o uso de uma caixa de isopor.

Os mercados de trabalho informal têm sido percebidos no Brasil como problemas econômicos e sociais, pois representam, “[...] rupturas com um padrão contratual único (ou quase único), isto é, o contrato “formal”.” (NORONHA, 2003, p. 111).

Ao longo da pesquisa bibliográfica apresentada neste estudo, o que se conclui com Alves e Soares (2009), é que em todos os estudos há um consenso quanto à importância da ocupação dos indivíduos, como uma das variáveis na definição de sua posição social. Mas, de um modo geral, é a ocupação informal, isto é, são trabalhadores informais, constituídos pelas pessoas que procuram sobreviver na atividade informal, como os ambulantes e camelôs, que produzem e vendem comida de rua como a tapioca.

Segundo Babbie (2005), uma variável é um conjunto de características mutuamente excludente, como estado civil, idade, nível de instrução, etc. É possível descrever os elementos de uma população em termos das suas características individuais numa variável. Tipicamente, surveys visam descrever a distribuição das características de uma variável numa população. Assim, é possível descrever a distribuição etária de uma população examinando a frequência relativa das diferentes idades dos seus membros. “Repare que uma variável, por definição, deve ter variação; se todos os elementos na população têm a mesma característica, essa característica é uma constante na população e não parte de uma variável.” (BABBIE, 2005, p. 124).

Alves e Soares (2009) salientam que as informações sobre a educação, a ocupação e a renda dos indivíduos são as variáveis mais importantes em uma análise socioeconômica. Porém, o que define o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca, não é necessariamente a ocupação formal ou não das pessoas que atuam nessa atividade, mas outras variáveis dessa ocupação informal, pois o que se quer descrever é justamente as características da ocupação dessa população.

Portanto, neste estudo, a ocupação na produção e venda de tapioca no setor informal é a variável independente, isto é, a ocupação é considerada uma característica singular para a análise do perfil socioeconômico porque pode informar, ao mesmo tempo, o nível educacional, o retorno econômico, entre outros, para cada posto de venda ou para cada trabalhador que produz e venda tapioca. Babbie (2005, p. 85) destaca que “A conceituação e a

medida de variáveis estão no âmago da prática científica”. Portanto, se variáveis não são adequadamente conceituadas e medidas, correlações observadas entre elas podem não fazer sentido.

## 1.1 PROBLEMAS DE PESQUISA

Com base no exposto anteriormente, o seguinte problema foi desenvolvido ao longo do estudo:

Quais são as variáveis relevantes que, após coletadas e analisadas, possibilitam descrever o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda de tapioca?

Nesta pesquisa, as unidades de observação são as pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca na cidade de Recife. Uma unidade de observação, ou unidade de coleta de dados, é um elemento ou agregação de elementos de que se coleta informação (BABBIE, 2005). Segundo esse autor, a unidade de análise e a unidade de observação muitas vezes são os mesmos – a pessoa individual –, mas não necessariamente. Por exemplo, entrevistar as pessoas que produzem e vendem tapioca - as unidades de observação deste estudo - para coletar informação sobre todos os seus familiares e demais trabalhadores que atuam na sua unidade de produção e venda – que são, neste estudo, as unidades de análise.

Um universo de pesquisa, segundo Babbie (2005) é a agregação teórica e hipotética de todos os elementos definidos num *survey*. Se a pessoa individual que atua no setor informal de produção e venda de tapioca na cidade de Recife for o elemento do *survey*, então todas as pessoas com essas características serão o universo desta pesquisa.

Os *surveys* são frequentemente realizados para fornecer enunciados descritivos sobre alguma população, como explica Babbie (2005), descobrir a distribuição de certos traços e atributos. Nesses, “[...] o pesquisador não se preocupa com o porquê da distribuição observada existir, mas com o que ela é.” (BABBIE, 2005, p. 96).

## 1.2 OBJETIVOS

Os objetivos que se seguem enfatizam as respostas mais detalhadas que se pretende obter e indicam os aspectos a investigar.

O objetivo geral é elaborar um instrumento de coleta de dados que descreva o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca em Recife.

Os objetivos específicos correspondem ao detalhamento do objetivo geral:

- I. Identificar variáveis que descrevam o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca em Recife.
- II. Estabelecer associações entre variáveis de modo que índices combinem vários itens do questionário, evitando assim os vieses inerentes aos itens únicos.
- III. Identificar o melhor modo de aplicação do questionário considerando as características peculiares das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

A principal contribuição desta pesquisa é que o estudo socioeconômico se destaca como uma possibilidade de conhecer a realidade das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca, na perspectiva de contribuir na inovação dos processos, serviços e produtos, observando os princípios de inclusão.

Este trabalho também contribui para discutir maneiras de medir o nível socioeconômico nas pesquisas sociais e produzir uma medida de nível socioeconômico que expresse as variações entre as pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda de tapioca famílias representadas no questionário proposto.

Na prática profissional do Gestor da Informação, no âmbito da Ciência da Informação, em primeiro lugar, este estudo ensina e mostra aos gestores de informação como descrever um perfil socioeconômico com dados relevantes, selecionados a partir do contexto social no qual as pessoas operam, seguindo as premissas do paradigma sociocognitivo (CAPURRO, 2003; HJØRLAND, 2004).

Capurro (2003) recomenda considerar as relações sociais estabelecidas pelas pessoas. Hjørland (2004) salienta que diferentes profissionais descrevem objetos informativos de diferentes formas e que os mesmos organizam suas descrições de acordo com critérios de domínio específico.

Este estudo ensina e mostra aos gestores de informação como os dados empíricos coletados, contextualizados, relacionados e analisados produzem informações úteis para descrever um perfil socioeconômico que é o produto final, o conhecimento construído.

A análise do questionário com base nesse perfil socioeconômico proposto, expressa o conhecimento acurado das condições sociais em que vivem as pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca. Abre, assim, caminhos para a socialização dos

conhecimentos relacionados às variáveis de avaliação socioeconômica desse grupo social e pode servir como um meio aproximado de conhecimento da realidade dessa população.

#### 1.4 ESTRUTURAS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

A Introdução, a primeira seção deste trabalho, delimita o tema de pesquisa, apresenta o problema, os objetivos, o objeto de análise e a justificativa.

Na segunda seção, a Revisão Teórica apresenta o embasamento teórico relativo às temáticas abordadas por meio de fontes documentais e bibliográficas, apontando os autores que foram consultados.

Em seguida, a seção relativa aos Procedimentos Metodológicos descreve os métodos e técnicas utilizados para a coleta dos dados ou obtenção dos resultados, levando em consideração o tipo de pesquisa abordada no trabalho.

A seção que se refere aos Resultados e Análises consiste em investigar o problema e em responder aos objetivos da pesquisa pelo exame dos dados coletados.

Finalmente, as Considerações Finais apontam até que ponto os objetivos foram alcançados, os limites do estudo e trazem sugestões para novos trabalhos acadêmicos.

As Referências Bibliográficas estão arroladas na última seção.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE REFERÊNCIA

Os pressupostos teóricos sobre os quais o pesquisador compreende a temática em estudo fornecem a sustentação à interpretação dos dados levantados e analisados (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Nesta seção, os fundamentos teóricos são apresentados em três seções. Primeiro, discorre-se sobre o setor ou trabalho informal, em particular as ambiguidades do conceito que apareceram desde sua origem, destacando o seu papel como espaço de sobrevivência das pessoas que produzem e vendem tapioca na cidade de Recife. Em seguida, trazendo ao debate os aportes teóricos sobre os métodos de coleta de dados socioeconômicos, busca-se uma compreensão sobre o que se define como *survey* (ou levantamentos em português, embora em geral se mantenham o uso do termo em inglês). Para finalizar, o debate gira em torno dos estudos socioeconômicos em pesquisas sociais.

### 2.1 AS ORIGENS E AS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO INFORMAL

Nas análises de Noronha (2003, p. 111-112), “[...] o significado de “informalidade” depende, sobretudo do de “formalidade” em cada país e período, e, embora isso seja evidente, as análises sobre o tema tendem a ignorar a noção contraposta da qual ela deriva.”. Assim, a compreensão da informalidade, segundo Noronha (2003), depende antes de tudo da compreensão do contrato formal predominante em cada país, região, setor ou categoria profissional. Na concepção desse autor, o mercado de trabalho brasileiro e as questões da informalidade só podem ser entendidos como resultados da própria construção da noção de formalidade, que, por sua vez, está associada às noções de cidadania e de direito social. “No Brasil, o entendimento popular de “trabalho formal” ou “informal” deriva da ordem jurídica. São informais os empregados que não possuem carteira de trabalho assinada.” (NORONHA, 2003, p. 112).

Até as recentes mudanças introduzidas no governo Temer e as anteriores introduzidas no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), o formal, no Brasil, tinha apenas uma forma. Atualmente a legislação prevê contratos em tempo parcial, contratos específicos para pequenas empresas, contratos temporários, terceirizados, etc., mas, o que Noronha (2003) chama a atenção é que, ao formal (no sentido de legal) contrapõem-se diversos tipos de contratos informais, sejam os claramente ilegais (ou criminosos, como, por exemplo, o trabalho escravo), sejam trabalhos familiares ou diversos outros tipos de contratos, cujo

estatuto legal está frequentemente em disputa – por exemplo, como era até pouco tempo no Brasil com os contratos de terceirizados. Para reforçar a simplificação que a classificação binária implica, frequentemente, as políticas públicas impõem formas de mensuração objetivas e de fácil aplicação (muitas vezes padronizadas para comparações internacionais) das condições contratuais, e, assim, tratam a informalidade como se fosse um fenômeno uniforme, objetivo e mensurável (NORONHA, 2003).

Aceitas essas considerações anteriores, é necessário corroborar com Noronha (2003) e admitir que as abordagens econômicas ou sociológicas baseadas no par formal/informal representam apenas uma visão parcial e com limitado poder explicativo do debate sobre informalidade.

### **2.1.1 Os diferentes significados de informalidade e suas origens**

No início do século XX, começou a se desenvolver o mercado de trabalho no Brasil, no sentido moderno do termo, como a forma predominante de produção de bens e serviços. Durante as primeiras três décadas, o trabalho transformou-se numa mercadoria livremente negociada, já que leis e contratos coletivos eram quase inexistentes (LAMOUNIER, 1988).

Durante as décadas de 1930 e 1940, o governo Vargas estabeleceu um amplo código de leis do trabalho, o qual marcou o mercado nacional por todo o século, e, a partir de então, segundo Noronha (2003), as noções de formalidade e informalidade foram pouco a pouco sendo construídas. Aos poucos, os trabalhadores foram beneficiados com o contrato de trabalho formal e, conseqüentemente, com os direitos sociais a ele associado. Entre as grandes categorias, uma das últimas a obter seus direitos foi a dos trabalhadores rurais na década de 1960.

Se esse conceito adquiriu algum significado claro foi, segundo Noronha (2003), devido a certa abordagem econômica que vinculava a informalidade a atividades periféricas não rentáveis. Contudo, o uso coloquial do termo no Brasil está ligado à legislação, ressalta Noronha (2003, p. 115): “[...] o trabalho é formal se, e somente se, o trabalhador possui carteira de trabalho assinada ou registro de autônomo ou, ainda, *status* de empregador.” Esse autor identifica uma terceira interpretação adotada por juristas. Segundo Noronha (2003), contrastando a interpretação econômica, juízes e procuradores, por seu próprio *ethos* profissional classificam como ilegal a maior parte das situações entendidas como informal pelos economistas.

Contudo, embora aqui não se pretenda discorrer sobre a vasta literatura sobre economia, setor ou trabalho informal, as ambiguidades do conceito apareceram desde sua origem. Há diversas revisões da literatura do termo informalidade desde a primeira referência ao fenômeno numa pesquisa sobre a África elaborada pela OIT (CACCIALLI, 1983).

Na América Latina houve um intenso debate sobre as limitações do processo de desenvolvimento dos países considerados periféricos, e a reprodução de um conjunto de formas de atividades não integradas ao segmento moderno da economia, genericamente determinadas como setor informal. No âmbito da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), segundo Braga (2006), posições otimistas supunham um processo de desenvolvimento industrial em países do terceiro mundo, com a mesma trajetória seguida pelos países de industrialização clássica, e a configuração do mesmo padrão de relações de trabalho.

No entanto, apesar dos esforços desenvolvimentistas, o que se configurou “[...] foi a reprodução de uma estrutura produtiva marcada pela convivência de formas modernas de produção com formas atrasadas.” (BRAGRA, 2006, p. 3).

A associação entre precariedade da inserção no mercado de trabalho e a situação de extrema pobreza vigente nos países periféricos determinaram o lançamento do Programa Mundial de Emprego (PME) da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que veio a se concretizar a partir de 1969, pelo envio de missões para analisar a natureza e a extensão dos problemas de emprego em países do Terceiro Mundo (CACCIAMALLI, 1983).

Nesse primeiro estudo da OIT/PREALC, segundo Cacciamalli (1983), realizados em diferentes países<sup>1</sup>, a unidade de análise do setor informal é o estabelecimento produtivo, e o núcleo para a classificação dos setores formal e informal se fundamenta no emprego assalariado e na auto ocupação. Especificamente no estudo sobre o Quênia, Cacciamalli (1983) assinala que a conceituação apresentada pela OIT para definição do setor informal tem como traço principal a associação do segmento à pobreza, com sua face mais evidente na questão do subemprego e na precariedade ocupacional. Ao longo desses estudos, passa-se a trabalhar com dois setores básicos, daquilo que foi classificado por CACCIAMALI (1983) como o novo dualismo:

- a. Formal, que pelo lado da oferta gera ocupações em empresas organizadas,

---

<sup>1</sup> Colômbia: 1970; Gana e Sri Lanka, 1971; Quênia e Costa Rica, 1972; Iran, Filipinas, Paraguai, São Domingos e Nicarágua, 1973; México, São Salvador e Panamá, 1974. (CACCIAMALI, 1983, p.17).

- b. Informal, relacionado às atividades de baixo nível de produtividade, realizado por trabalhadores independentes ou por conta própria, e para empresas muito pequenas, não estruturadas.

Na América Latina, a incorporação da ideia de setor informal aparece nos trabalhos desenvolvidos na primeira metade dos anos 70, a partir do Programa Regional de Emprego para a América Latina, constituídos pela OIT como parte do Programa Mundial de Emprego (BRAGA, 2006). No âmbito do PREALC, a explicação para o processo que gera a subutilização da força de trabalho na América Latina se dá a partir da “[...] conjunção da dinâmica dos fluxos migratórios e da incapacidade do setor moderno da economia de gerar oportunidades ocupacionais no ritmo exigido para absorver a população ativa urbana”. (BRAGA, 2006, p. 4 -5). Segundo as conclusões da PREALC, isso determinaria a criação de estratégias de sobrevivência relacionadas a atividades de baixo nível de produtividade, *locus* da inserção da força de trabalho não absorvida no setor formal, completa Braga (2006).

Essa abordagem, conhecida como velha informalidade, segundo Noronha (2003), buscava explicar o mercado de uma economia em transição, que começava a gerar uma massa de desempregados e subempregados, os quais rapidamente se aglomeravam nas cidades industrializadas, recém-chegados do campo.

Posteriormente, em trabalhos mais recentes, o PREALC avança com relação à visão dualista da ocupação formal-informal, porém continua implícita, no entanto, a ideia de que o setor informal tende a desaparecer à medida que a economia se diversifica, já que ele é dedicado apenas às camadas marginais da população. Segundo Noronha (2003), até o final dos anos de 1980 predominava a suposição de que a informalidade (ou o subemprego) era um legado de uma economia semi-industrializada, cujo fim era uma questão de tempo e desenvolvimento.

Outros autores já criticaram a natureza obscura desse conceito. No debate sobre trabalho informal Singer (2000) reporta-se aos primórdios da Revolução Industrial e ao conceito de população relativamente excedente de Marx. Mas, essa população de modo algum é excedente, no sentido de redundante, desnecessária à economia como um todo, ressalta Singer (2000).

Também não é a parte da população excedente que Marx denominou de população excedente líquida. Ou seja, segundo Singer (2000), Marx observou que, para poder pagar salários compatíveis com a valorização do capital, o modo de produção capitalista precisa dispor de uma massa de trabalhadores que esteja sendo demitida por algumas empresas e

admitida por outras. É uma reserva móvel de trabalho, sempre disponível às empresas quando estas querem expandir rapidamente o número de empregados. Marx chamou esta parte da população excedente de “líquida” (SINGER, 2000).

Também não é a parte da população excedente, que Marx, denominou de “latente”, isto é, formada pelos moradores do campo que estão em vias de ser expulsos da agricultura e só esperam uma conjuntura favorável para se dirigir às cidades em busca de trabalho (SINGER, 2000).

Mas é a terceira parte que aqui mais interessa. “A terceira categoria da população relativamente excedente, a estagnada, que forma parte do exército ativo do trabalho, mas com ocupação inteiramente irregular.” (SINGER, 2000, p. 11). Essa categoria da população oferece assim ao capital uma fonte inesgotável de força de trabalho disponível. Seu padrão de vida cai abaixo do nível normal da classe trabalhadora e é exatamente isso que a torna uma ampla base para ramos de exploração específicos do capital.

Assim, segundo Singer (2000), o trabalho informal corresponde ao segmento estagnado da população excedente que Marx identificou em Londres, entre 1865-1866, quando redigia o primeiro volume de O Capital. Em primeiro lugar, “[...] trata-se do exército industrial ativo e não de reserva, este formado pelos sem-trabalho, pelos desempregados no sentido estrito do termo.” (SINGER, 2000, p. 12). Isto é, os desempregados (o exército de reserva), ficam em tempo integral procurando emprego, vivendo do salário desemprego ou de outros modos. Os trabalhadores informais (o exército industrial ativo), já desistiram de procurar emprego, ou deixaram de contar com suporte material para fazê-lo.

Finalmente, nos anos 80, à luz de evidências empíricas, no debate sobre o papel do setor informal, vários postulados da visão original da OIT/PREALC foram revisados. Portes, Castells et al. (1989) reuniram uma variedade de estudos no Norte e no Sul do planeta que demonstraram o caráter dinâmico dessa atividade econômica, como uma característica central: não está regulada pelas instituições da sociedade em um ambiente legal e social em que atividades similares são reguladas.

A característica do setor informal deixa de ser a facilidade de entrada e passa ser a organização produtiva. Isso significa uma reformulação do conceito de setor informal, visto que este não é mais suficientemente elástico para absorver o excedente de mão-de-obra que não consegue se empregar no setor formal, ao mesmo tempo em que o reconhecimento da sua característica de heterogeneidade interna invalida a hipótese de que apenas as pessoas mais pobres sejam seus únicos ocupantes (SOUZA, 1980; CACCIAMALI, 1983; BRAGA, 2006).

Como se lê nos debates sobre o setor informal do PREALC, trata-se de um segmento, no qual, dificilmente se consegue evitar a área de interseção entre os setores formal e informal. É no âmbito do conceito de economia informal de produção e venda de tapioca está a área de pesquisa que tentaremos definir neste estudo.

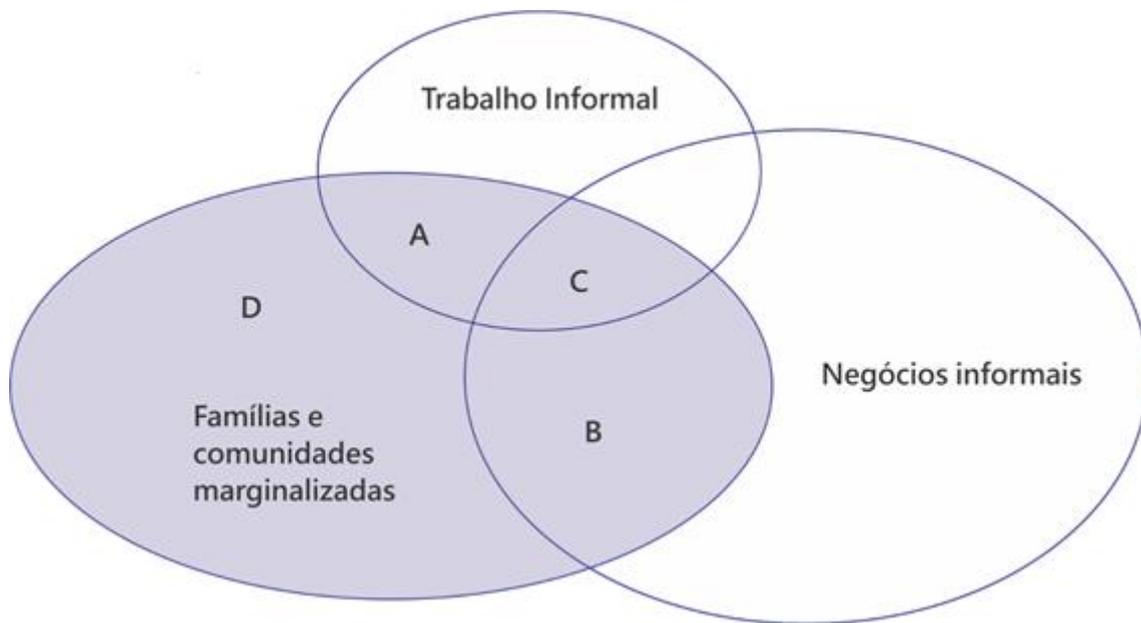
Argumenta-se, neste estudo de TCC, a respeito da especificidade do trabalho informal de produção e venda de tapioca, dentro da economia informal, e, portanto, com base em Cozzens e Sutz (2012), algumas características distinguem as atividades de empregado, empregador e prestador de serviços autônomos do setor informal.

A economia informal é geralmente definida como atividades econômicas fora da regulamentação governamental e, como já visto anteriormente, incluem dois elementos: as empresas no setor informal e o emprego informal em empresas formais (COZZENS; SUTZ, 2012). Os setores formal e informal representam um contínuo de atividades inter-relacionadas em vez de esferas separadas.

O comércio de produção e venda de tapioca é, assim, parte da economia informal, definido pela ausência de regulação por instituições sociais que regem as atividades similares legalizadas. Considera-se, entretanto, que a ausência de regulação institucional na economia informal afeta os trabalhadores e o próprio processo de trabalho. As condições de trabalho, no contexto da não regulamentação, têm consequências, pois nelas não se observam as determinações legais quanto à saúde pública, higiene, segurança no trabalho, beneficiado pela legislação trabalhista (COZZENS; SUTZ, 2012). Assim, o setor informal é um fenômeno marginal, todavia um processo econômico, social e político no interior da sociedade.

O comércio informal de produção e venda de tapioca é o espaço onde as pessoas vivem e trabalham, e, embora exista uma sobreposição com a economia informal, os dois conceitos não são idênticos, como se lê na **Figura 1**.

**Figura 1** – Configuração informal versus economia informal



**Fonte:** Cozzens e Sutz (2012, p. 12, tradução nossa).

Por exemplo, não está incluído o emprego informal, como os programadores de computação que fazem um segundo trabalho como consultores (o que aparece na área de trabalho informal na **Figura 1**, mas fora das famílias e comunidades marginalizadas, área sombreada). Também estão excluídas as empresas informais, cujos proprietários estão acima da linha de pobreza (novamente fora da área sombreada da **Figura 1**). Em vez disso, concentra-se nas partes da economia informal que se cruza com a vida das famílias e comunidades marginalizadas: Área A (trabalhos informais com negócios formais), Área B (trabalhos formais com negócios informais) e Área C (trabalhos informais com negócios informais). A área D aponta a produção e venda de tapioca direcionada por e para as famílias ou comunidades marginalizadas. E são essas pessoas que se pretende descrever o perfil socioeconômico.

### **2.1.2 As origens e as características do setor informal de produção e venda de tapioca de Recife**

O nordeste brasileiro foi por séculos o centro socioeconômico da cana-de-açúcar e, portanto, segundo Fernandes, Novy e Singer (2013), em Pernambuco tem se estabilizado uma notável concentração de terras em benefício de uma pequena fração da sociedade, bem como

a exclusão social da maioria da população. Como observaram esses autores, “Não é de estranhar que, desde os primórdios da antiga colônia portuguesa, a maioria dos movimentos sociais se concentrasse em obter acesso à terra e aos direitos civis básicos.” (FERNANDES; NOVY; SINGER, 2013, p. 3-4, tradução nossa).

Em Pernambuco, a plantação de cana-de-açúcar transformou Recife em um mercado local restrito, bloqueando a economia à estrutura monocultura tradicional de produção de açúcar, evidenciam Fernandes, Novy e Singer (2013). A restrição da diversificação econômica e da divisão do trabalho, por seu turno, limita o crescimento econômico (JACOBS, 1969). Decorre disso que, até a década de 2000, o açúcar era o principal produto de exportação do estado.

Por outro lado, após a libertação da escravidão, o trabalhador assalariado permaneceu predominantemente analfabeto e marginalizado devido à pequena demanda por mão-de-obra na economia regional fora das atividades de produção de açúcar, enquanto o poder político e o controle da tomada de decisões permaneciam nas mãos dos latifundiários açucareiros. A resultante concentração extrema de renda, terra e poder político levaram à estagnação e concentração do comércio e de outras atividades urbanas, especialmente na capital Recife (SINGER, 1968). O declínio do açúcar, somado às áreas tradicionalmente secas de Pernambuco levou parte da população a migrar em busca de oportunidades de emprego.

Portanto, devido aos baixos níveis de educação, concentração de terras e forte dependência da economia açucareira, a industrialização, em Pernambuco, diferente de várias outras regiões do Sul e Sudeste do Brasil e de outros países da América Latina, só ganhou ímpeto nas décadas de 1960 e 1970, com a ajuda de políticas públicas federais que induziram investimentos de empresas do Sudeste do Nordeste. No entanto, os empregos recém-criados, concentraram-se na região metropolitana de Pernambuco e no ramo das indústrias tradicionais (ramos menos dinâmicos da metalomecânica, alimentos e bebidas, vestuário, varejo, construção civil, trabalho doméstico), muitos deles precários, restringindo assim o crescimento dos mercados consumidores como um todo, apesar dos empregos relativamente bem pagos de alguns setores industriais e públicos (FERNANDES, 1998).

Essa estrutura econômica liderada pelo açúcar contribuiu para a posição atrasada de Recife em comparação com outras regiões do Brasil, como o Sul e o Sudeste. Todavia, outros investimentos internos, levaram a transformações significativas.

Expansão da indústria petroquímica brasileira e sua infraestrutura de transporte liderado pela petrolífera estatal Petrobras junto com o crescimento expressivo do mercado consumidor do Nordeste, tanto em relação a iniciativas de fomento

à economia doméstica pelo governo Lula, todos transformaram a região metropolitana de Recife em um local atraente, particularmente em relação às instalações portuárias industriais de Suape. A nova refinaria de petróleo da Petrobras (a primeira em mais de 30 anos), duas usinas petroquímicas, três usinas navais e as novas fábricas da Fiat (com instalações de pesquisa e desenvolvimento) e a farmacêutica Novartis, além de um número impressionante de empresas menores vem reformulando o mercado de trabalho regional. (FERNANDES; NOVY; SINGER, 2013, p. 5-6, tradução nossa).

Ou seja, na análise de Fernandes, Novy e Singer (2013), depois de séculos de hegemonia da indústria canavieira, um novo foco no investimento interno remodelou Pernambuco, à medida que o crescimento industrial aumentou as expectativas entre os jovens e dirigiu muitos deles longe plantação do açúcar como sua única oportunidade de trabalho, como costumava ser.

Mas, apesar dessas mudanças, o Nordeste, Pernambuco e especificamente a cidade de Recife deve à economia açucareira sua condição de atraso, de profunda concentração de renda e dos níveis muito baixos de educação formal até agora. No Nordeste, em 2017, apenas 62,7% dos jovens de 15 a 17 anos estavam no ensino médio ou já o haviam concluído, enquanto no Sudeste esse indicador chegava a 77,7% (BRASIL, 2018). Segundo matéria do Jornal do Comercio de Comunicação de Recife<sup>2</sup>, em Pernambuco, 38,2% dos jovens que deveriam estar no ensino médio, ou estão atrasados, cursando turmas anteriores, ou se evadiram da escola. Essa defasagem já se acentua no final do ensino fundamental e como não se corrige isso, aumenta as possibilidades de evasão.

Tais disparidades sociais extremas somadas ao analfabetismo extensivo herdados de sua condição como a primeira e mais rica região de plantação de cana de açúcar no Brasil sob o domínio Português como assinaram por Fernandes, Novy e Singer (2013), estão, certamente, na origem do setor informal no Recife.

## 2.2 SURVEY COMO MÉTODO DE COLETA DE DADOS SOCIOECONÔMICOS

Os suportes para aplicar pesquisas evoluíram nos últimos 20 anos, e aplicativos cada vez mais eletrônicos são utilizados. Historicamente, a entrevista com papel e lápis era a norma e, nos últimos anos, a entrevista assistida por computador foi adotada por muitos constatou a pesquisa de Mutepfa e Tapera (2018). Esses autores avaliaram o uso de métodos de pesquisa

<sup>2</sup> <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2018/05/19/pe-e-o-segundo-no-pais-com-mais-jovens-sem-trabalhar-nem-estudar-339834.php>

Acesso em 07 de agosto de 2018.

que empregavam papel e lápis, seus méritos e limitações. Eles também comparam pesquisas tradicionais e *online* e explicam as razões para a adoção mais ampla de cada uma delas e potencial para o futuro.

Mutepfa e Tapera (2018) consideram as responsabilidades éticas e os pontos fortes do gerenciamento de dados nos quais as plataformas de coleta de dados são usadas. Segundo eles, os pesquisadores devem escolher o método mais apropriado, dependendo do tema, dos objetivos do estudo, da região geográfica, do período do estudo e do orçamento disponível. As questões destacadas por Mutepfa e Tapera (2018) precisam ser exploradas na seleção dos procedimentos de coleta de dados, como neste estudo, que visa reunir dados para construir o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca.

Ponto (2015) define *survey* como procedimentos de pesquisa quantitativa e qualitativa usados para coletar sistematicamente dados de uma amostra por meio de alguma forma de convites ou petições, tais como:

- a. Entrevistas presenciais (face a face),
- b. Entrevistas realizadas por telefone,
- c. Entrevistas realizadas mediante questionários autoexplicativos enviados por correio eletrônico,
- d. Entrevistas realizadas via Internet.

Existem várias maneiras de realizar pesquisas e coletar informações, mas uma maneira confiável é o *survey*, se bem planejado (MUTEPFA; TAPERA, 2018). Mais recentemente, *tablets*, computadores pessoais e *smartphones* estão sendo usados para coleta de dados. Pesquisas baseadas na Internet tornaram-se mais populares do que as pesquisas tradicionais por causa de custos mais baixos e modos mais rápidos de processamento (SZOLNOKI; HOFFMANN 2013; KRAMER et al. 2014; CALLEGARO et al., 2017; MUTEPFA; TAPERA, 2018).

No entanto, os *surveys* mediante entrevistas presenciais são mais apropriadas se o público-alvo ainda não tem acesso à Internet como é a condição, acredita-se, das pessoas que atuam no comércio ambulante de produção e venda de tapioca, que, além de não ter acesso, muitos talvez não saibam usar aparelhos eletrônicos. Nesse caso, uma pesquisa *online* excluiria a maior parte da população. Pesquisas tradicionais, mediante entrevistas presenciais reduzem as discrepâncias sociais, aumentando a participação de respondentes. Há de se

considerar os méritos dessa abordagem tradicional para a coleta de dados em relação à taxa de resposta, à conveniência social e às temáticas sensíveis tratadas.

Varkevisser et al., (2003 apud MUTEFPA; TAPER, 2018) demarcam que o projeto de um *survey* envolve o delineamento dos passos a serem seguidos na condução da pesquisa, desde a formulação dos objetivos até a interpretação dos resultados. Dependendo do estado atual do conhecimento sobre um problema em estudo, diferentes tipos de perguntas podem ser feitas, o que requer o uso de diferentes planos de estudo.

Um projeto de *survey* bem planejado ajuda os pesquisadores a obter as respostas que desejam. Por exemplo, um projeto de *survey* deve ser limitado na medida do necessário para que os entrevistados entendam as perguntas e se animem a responde-las de modo a reduzir os erros de medição (MUTEFPA; TAPER, 2018). O desenho do questionário, portanto, é um processo que consiste e está relacionado a várias etapas e que requer atenção a vários detalhes, alertam esses autores.

Segundo Mutepfa e Tapera (2018), o questionário é o principal instrumento de coleta de dados em áreas sociais, de saúde, epidemiológicas e outras áreas de pesquisa. Assim, os pesquisadores devem tomar conhecimento da formulação e do sequenciamento de perguntas, da apresentação do questionário, do modo de aplicação e, tanto quanto possível, elevar o índice de resposta para obter o máximo da coleta de dados.

A coleta de dados por meio do *survey* tradicional foi viabilizada em diferentes métodos, tais como o questionário, entrevista presencial e entrevista por telefone. As características da população-alvo, recursos disponíveis e a sensibilidade do tema de interesse determinam a escolha do método de coleta de dados.

### **2.2.1 Formato e design do questionário**

O layout e o design do questionário têm impacto na coleta de dados (taxas de resposta e conclusão); portanto, eles devem ser bem planejados (BOLICHE; WINDSOR 2008). McColl et al. (2001) sugerem se fundamentar na teoria da troca social e nas teorias da percepção e da cognição durante o projeto de um questionário para permitir que os pesquisadores obtenham o máximo da coleta de dados.

A teoria da troca social explica a ponderação de benefícios e perdas potenciais (análise de custo-benefício) obtida de um questionário. Um bom desenho de questionário é aquele em que os benefícios superam os custos. Com relação às teorias de percepção e cognição, os

pesquisadores tomam conhecimento de como as pessoas podem ver, processar e interpretar o questionário de modo a evocar respostas. Por exemplo, uma seção destacada em um questionário se sobressai e permite que os respondentes concentrem seu interesse.

A concepção de questionários tradicionais deve, portanto, ser adaptada às circunstâncias locais para melhorar a qualidade dos dados. Um questionário fácil de usar reduz o erro de medição e o potencial de não resposta do participante da pesquisa. Questões como o uso cuidadoso de elementos de design, também podem afetar a confiabilidade dos dados alertam autores como Callegaro et al. (2017), devendo, portanto, os questionários serem explícitos sobre os dados e o formato de dados necessários (MUTEPFA; TAPER, 2018).

Para desenvolver um questionário bem estruturado, os seguintes passos devem ser seguidos: indicar a hipótese, delinear o plano de análise e listar as variáveis a serem medidas. O plano de análise de dados deve ser estruturado em termos de objetivos específicos e mostrar os testes estatísticos a serem utilizados e os tipos de variáveis. No entanto, formatos e métodos de dados de questionários *online* geralmente compreendem escalas de respostas, por exemplo, a escala *Likert* ou classificação diferencial semântica, bem como questões abertas ou de múltipla escolha (DEVINE; LLOYD 2012).

Questionários *online* também têm a vantagem de ter menos erros na entrada e de codificação de dados porque os dados são inseridos eletronicamente e podem ser facilmente transformados em formatos fáceis de analisar (BOWLING, 2005; CALLEGARO et al. 2017). Os questionários *online* podem ocultar perguntas de acompanhamento irrelevantes, o que não é possível com questionários tradicionais presenciais. Além disso, ajudas visuais e de áudio e janelas *pop-up* também podem ser adicionadas para simplificar a resposta, fornecendo informações adicionais (MUTEPFA; TAPER, 2018). No entanto, os recursos adicionais aumentaram o tempo de *download* e contribuindo para a não resposta, reduzindo assim o tamanho da amostra (MARLEEN et al. 2010). Apesar das vantagens, os questionários *online*, se não bem planejados, têm suas limitações.

### **2.2.2 Confiabilidade e validade dos dados de *survey***

Como já discutido anteriormente, a aplicação de um *survey* deve considerar os objetivos do estudo, a população em estudo e os recursos disponíveis para aumentar a validade e a confiabilidade do estudo. Mutepfa e Taper (2018) salientam que o objetivo principal de uma pesquisa deve ser coletar dados confiáveis, válidos e imparciais de uma

amostra representativa em tempo hábil e sem restrições de recursos. O processo de responder a perguntas e modos de coleta de dados tem diferentes efeitos sobre a validade e a qualidade dos dados coletados durante a pesquisa. A validade e confiabilidade de um questionário são afetadas quando a taxa de resposta é baixa.

Defensor da coleta de dados *online*, Wyatt (2000) argumenta que, além do custo reduzido, se trata de uma técnica sobre a qual se tem mais controle sobre quem recebe uma cópia da pesquisa, facilitando, assim, o monitoramento ou acompanhamento. Todavia, Wyatt (2000) alerta que devemos ser cautelosos quanto à introdução de mais incerteza em nossos atuais métodos de pesquisa, pois existe o risco de nos distanciarmos das pessoas que ainda não estão familiarizados com a leitura na tela de um computador. A escolha sobre o uso da Web para uma pesquisa não deve, portanto, ser impulsionada pela economia, mas pela consideração de muitas técnicas alternativas e outras questões discutidas aqui.

Egan (2016) alerta tomar cuidado, pois *surveys online* usam, na sua maior parte, amostras convenientes ou favoráveis pois, de acordo com o viés de *opt-in* (a autorização necessária, dada por um indivíduo, para receber comunicações por e-mail), aqueles que participam de pesquisas *online* já estão predispostos a recebê-los em uma amostra aleatória, situação que não é menos propensa a ocorrer em *surveys* tradicionais. Além disso, a probabilidade de os dados demográficos dos participantes diferirem entre os entrevistados e os não respondentes, é maior quando a taxa de resposta a um estudo é baixa. As estimativas tradicionais são consistentemente mais favoráveis do que os índices de pesquisa *online* (TAYLOR et al., 2009; BERG et al., 2011; LILJEBERG; KRAMBEER, 2012; MUTEPFA; TAPERA, 2018), devido à baixa taxa de resposta. Como exemplo, Mutepfa e Tapera (2018) citam sites como “TripAdvisor” usados por uma minoria de hóspedes, com resultados mostrando descobertas similares e conflitantes e variabilidade extrema. A baixa taxa de resposta afeta a precisão (confiabilidade) da pesquisa, resultando em estudo tendencioso e fraca validade externa (generalização) dos resultados do *survey*.

Leeuw e Zouwen (1988 apud BOWLING, 2005) listaram cinco indicadores principais para a qualidade dos dados, além de uma sexta variável dependente: taxa de resposta - o número de entrevistas concluídas dividido pelo número total de unidades de amostras aceitáveis (ver Quadro 1).

**Quadro 1** – Cinco principais indicadores de qualidade dos dados

1. **Precisão, ou validade da resposta:** verificações podem ser feitas, isto é, uma resposta pode ser checada. Isso só é possível quando a validade da informação está disponível, quando é possível validar a informação.
2. **Ausência de viés de desejo social** - quando a resposta é determinada por normas socialmente aceitáveis (inversamente proporcional ao número de respostas socialmente desejáveis para uma questão em particular).
3. **Resposta ao item** (inversamente proporcional ao número de respostas faltantes, não preenchidas no questionário).
4. **Quantidade de informação:** indicada pelo número de respostas às perguntas abertas ou às listas de verificação (*checklists*).
5. **Similaridade de distribuições de resposta obtidas por diferentes modos de aplicação do questionário:** indicado pela falta de diferenças significativas entre as estimativas obtidas usando diferentes modos de aplicação do questionário.

Fonte: Adaptado Leeuw e Zouwen (1988 apud BOWLING, 2005).

Em se tratando dos efeitos do modo de aplicação do *survey* na qualidade dos dados, ao selecionar o modo de aplicação do questionário, deve-se considerar a disponibilidade de um quadro de amostragem adequado, taxa de resposta esperada, o potencial de fontes de rejeição diferente da não resposta, disponibilidade de tempo, orçamento financeiro e outros recursos (por exemplo, equipamentos). Os diferentes modos de aplicação compreendem o método de contatar os respondentes, os meios de entrega do questionário e a aplicação das questões (BOWLING, 2005). Os dois modos (tradicional e *online*) afetam a qualidade dos dados de maneira diferente, assim, o modo mais apropriado deve ser selecionado.

Os questionários tradicionais e *online* têm seus pontos fortes e fracos. Bowling (2005) define a qualidade dos dados em termos das taxas de resposta da pesquisa, taxas de resposta do item do questionário, da precisão das respostas, ausência de viés e integridade das informações obtidas dos respondentes.

### 2.2.3 Potenciais vieses das três pesquisas tradicionais e *online*

O modo de aplicação do questionário tem efeitos sobre elementos de ambas às fontes. Bowling (2005) elaborou uma síntese de possíveis vieses por modo de aplicação de questionário tradicionais e *online*, cuja apresentação foi melhorada por Muteþfa e Tapera (2018), como pode ser vista no Quadro 2.

**Quadro 2** – Resumo de possíveis vieses por modo de administração de questionário

Potencial para	Entrevista presencial	Entrevista por telefone	Auto aplicação (enviado via correio)	Auto aplicação <i>online</i>
População mais completa/Cobertura da amostra	<b>Alto</b>	Baixo	<b>Alto</b>	Baixo
Carga cognitiva	<b>Baixo</b>	Grande	Grande	Grande
Respostas do questionário	<b>Alto</b>	Baixo	Médio baixo	Baixo
Resposta do item / preenchimento do questionário	<b>Alto</b>	Baixo	Baixo	Baixo
Efeito da ordem das questões	<b>Baixo</b>	<b>Baixo</b>	Alto	<b>Baixo</b>
Efeito da ordem na escolha das respostas	<b>Moderado</b>	Alto	Alto	Alto
Viés de <i>recall</i>	<b>Baixo</b>	<b>Baixo</b>	Alto	Alto
Viés de desejo social	Alto	Alto	<b>Baixo</b>	<b>Baixo</b>
Viés de dizer sim	Alto	Alto	<b>Baixo</b>	<b>Baixo</b>
Viés do entrevistador	Alto	Alto	-	-
Extensão da resposta verbal / quantidade de informação	<b>Alto</b>	Baixo	-	-
Pré-disposição de divulgar informações confidenciais	Baixo	Baixo	<b>Alto</b>	<b>Alto</b>
Preferências dos entrevistados por modo de aplicação	<b>Alto</b>	Baixo	Baixo	Moderado

Fonte: Bowling, (2005, p. 284) e Mutepfa e Taperá (2018, p. 7).

Ambos os autores concluem que a aplicação do questionário tradicional por meio de entrevista é o melhor modo de coleta de dados, apresenta menos vieses quando comparado aos outros modos, pois a cobertura populacional é mais completa por amostragem, a resposta ao questionário é alta, o preenchimento do questionário também é alto, os efeitos da ordem da escolha das respostas são moderados e a preferência dos entrevistados por esse modo de aplicação é alto.

O Quadro 2 apresenta um resumo dos potenciais vieses por modo de aplicação dos questionários, tradicionais (entrevista presencial, entrevista por telefone, auto aplicação de questionário enviado via correio postal) e *online*. No entanto, o quadro deve ser interpretado com cautela, pois as descobertas nem sempre são consistentes, nem sempre são baseadas em projetos experimentais e geralmente são estudos baseados em temas diferentes (BOWLING, 2005; MUTEPFA; TAPERÁ, 2018). Na análise dos autores, o quadro revela que a aplicação tradicional do questionário mediante entrevista presencial é o melhor modo de coleta de dados (ver marcações em negrito no Quadro 2), pois compreende menos vieses quando comparado aos outros modos.

Além do mais, o Quadro 2, apresenta um resumo do que está sendo discutido a seguir, relativo aos erros de não medição e aos erros de medição.

#### 2.2.4 Erros de não medição e erros de medição

De modo geral, Bowling (2005) salienta que essas fontes de erro nos surveys podem ser resumidas como:

- a. Erros de não medição - delineamento do levantamento, a cobertura da amostra da amostra, a amostra em si, as não respostas do questionário e as não respostas por item;
- b. Erros de medição - instrumento de levantamento e processos de coleta de dados.

##### 2.2.4.1 Erros de não medição

Os erros de não medição dizem respeito ao design do questionário, à amostragem e à taxa de resposta. O viés de seleção de amostras é menor em questionários tradicionais, já que a seleção da amostra não se limita àqueles apenas com Internet (MUTEFPA; TAPER, 2018). No entanto, a literatura relacionada à saúde sobre as diferenças entre respondentes e não respondentes é inconsistente ou inconclusiva na sua maioria. (McCOLL et al., 2001).

**Cobertura da amostra:** um erro amostral é um erro resultante do fato de trabalhar apenas com uma parte dos elementos que compõe a população e não com a totalidade deles. Todos os métodos requerem listas de endereços ou amostras atualizadas antes da amostragem, para garantir a abrangência da população-alvo, e cada um deles carrega sua própria forma de viés. Erros de viés são erros que se produzem quando, ao efetuar o estudo da amostra, não se tomam as precauções necessárias para medir as variáveis que interessam.

Entrevistas e pesquisas via correio postal, por exemplo, dependem de listas completas e atualizadas de endereços. O código de endereçamento postal (CEP) pode estar incompleto ou desatualizado, levando a um viés de amostra. Pesquisas por telefone, geralmente, usam discagem por dígitos aleatórios, devido ao número de pessoas que optam por não serem listadas nas listas telefônicas. As pesquisas eletrônicas são limitadas às pessoas com acesso a um computador pessoal, e-mail e acesso à Internet, criando um viés imediato de amostra, acentuado pela falta de listas completas de endereços de e-mail privados. Essas questões são tratadas na maioria dos livros de metodologia.

**Taxas de resposta:** Pesquisas metodológicas que comparam diferentes métodos de aplicação de questionários focalizaram a questão das taxas de resposta, resposta a itens e em métodos para aumentá-las, especialmente em relação a pesquisas postais. As principais razões para a não-resposta incluem a falta de disposição dos entrevistados em participar do estudo, a incapacidade do entrevistador ou do próprio pesquisador de entrar em contato com os entrevistados (por exemplo, pessoas que estão fora durante entrevistas domiciliares ou por telefone) e barreiras de comunicação (por exemplo, barreiras de alfabetização). A não resposta é, portanto, provavelmente influenciada pelo modo de aplicação do questionário.

Quanto menor a taxa de resposta a um estudo, maior o perigo de os respondentes diferirem dos não respondentes em suas características, o que afeta a precisão (confiabilidade) das estimativas populacionais da pesquisa, resultando em viés do estudo e enfraquecendo a validade ou generalização dos resultados da pesquisa. Mesmo que a qualidade dos dados obtidos seja boa, uma amostra tendenciosa tem pouco valor para fazer estimativas populacionais que representem a população-alvo. Pesquisas presenciais há muito tempo são consideradas como alcançando taxas de resposta mais altas do que outros tipos de *surveys*. Um entrevistador amigável à porta pode ser motivador, e pode ser mais fácil convencer os entrevistados da legitimidade do estudo, o que deve aumentar as taxas de resposta.

**Taxas de resposta de itens:** A maior não resposta ao item é geralmente relatada em *surveys* postais em comparação com entrevistas presenciais e em questionários postais em comparação com entrevistas por telefone. Consistente com isso, a meta-análise de De Leeuw e van der Zouwen ((1988 apud BOWLING, 2005) encontrou maior item de resposta em entrevistas presenciais, nas quais os entrevistadores explicam e motivam as pessoas a responder, e também há maior controle do entrevistador sobre a situação, por exemplo, garantindo que as perguntas sejam respondidas e não perdidas, e o registro das respostas seja realizado corretamente.

Embora, atualmente, os programas eletrônicos automatizados possam impedir que os respondentes passem para a próxima pergunta antes de concluírem a pergunta anterior e podem impedir o encerramento prematuro do questionário, todos os métodos podem ser propensos ao término prematuro (o entrevistado não deseja continuar com a entrevista e finalizá-la). Mas isso é provavelmente menos provável na presença de um entrevistador motivador. Entrevistas por telefone, pesquisas telefônicas ativadas por voz eletrônicas e

automatizadas podem ser particularmente propensas a isso, pois as pessoas ficam entediadas com horários longos e as interrompem.

#### 2.2.4.2 Erros de medição

O processo de coleta de dados envolve uma interação entre o questionário, o entrevistado, e, no caso de entrevistas presenciais e por telefone, o entrevistador (BOWLING 2005; MUTEFPA; TAPER, 2018). A interação é afetada pelo ritmo da entrevista e pelo controle sobre a ordem das perguntas pelo entrevistador. Também é afetado pelo desejo e vontade social, viés de consentimento, viés do entrevistador e ordem de escolha de resposta. Embora as pesquisas tradicionais tenham vantagens de representatividade, elas têm um viés de resposta de desejo social maior do que as pesquisas na Internet. Erros de medição podem comprometer os resultados; assim, eles devem ser levados em conta durante os procedimentos de pesquisa.

**Vieses da influência do ambiente social:** Bowling (2005) ressalta a influência do cenário social. Na avaliação desse autor, embora as pesquisas padronizadas visem incluir perguntas bem projetadas e testadas que tenham o mesmo significado para todos os participantes, as diferenças culturais, sociais e de idioma podem influenciar as interpretações. O processo real de coleta de dados envolve também uma interação entre o questionário, o entrevistado e, no caso de entrevistas presenciais e por telefone, o entrevistador.

A natureza dessa interação varia inevitavelmente entre os ambientes da entrevista e as situações de auto aplicação, bem como pelo entrevistador individual, evidencia Bowling (2005). Diferenças em dados pelo modo de aplicação do questionário podem, portanto, admitir a hipótese, simplesmente por diferenças dadas na estrutura do ambiente social. Em teoria, essas diferenças também podem ser compostas por diferenças no ambiente em que o questionário é aplicado, embora nem todas as investigações realizadas por Bowling (2005) encontraram diferenças em resposta. Tourangeau, Rips e Rasinski (2000) incluíram outros potenciais mediadores para os efeitos dos diferentes modos de coleta de dados sobre a qualidade dos dados: o ritmo da entrevista, o controle sobre o questionário e a ordem das questões.

D'Espíndula e França (2016) partem do princípio que todo comportamento humano ocorre dentro de um contexto social, econômico, histórico e político, que interfere de uma

forma ou de outra. Dessa maneira, qualquer que seja a técnica utilizada – entrevistas, observação participante ou outra –, D’Espíndula e França (2016) advertem sobre a importância de tais instrumentos de coleta de dados serem utilizados por pesquisadores cientes de sua aplicabilidade e limites de uso.

**Viés do desejo social:** As entrevistas, portanto, envolve interação social com outra pessoa, o que pode levar os entrevistados a levarem em conta normas sociais ao responder, resultando em viés de desejo social (o desejo dos entrevistados de se apresentarem da melhor maneira possível), resultando no excesso de informação, de comportamentos desejáveis ou comportamentos indesejáveis (confundindo associações entre variáveis atenuando, inflando ou moderando relacionamentos). Em *surveys* tradicionais, os participantes tendem a considerar normas sociais, valores morais e étnicos ao responder questionários que podem resultar em vieses de desejo social. Existem métodos para reduzir esse problema, incluindo garantias de confidencialidade e anonimato, embora isso possa aumentar as suspeitas dos entrevistados sobre a sensibilidade do tópico e, assim, reduzir a resposta.

Desejo social é uma força para pesquisas *online*, pois os participantes não se sentem pressionados a reportar excessivamente comportamentos desejáveis ou subestimar comportamentos indesejáveis. Ao contrário das pesquisas tradicionais, os respondentes online sentem-se menos preocupados com a forma como eles aparecem para os outros porque os sentimentos de anonimato e privacidade são maiores. Assim, os pesquisadores devem considerar o uso de pesquisas online quando a pesquisa exigir informações confidenciais ou o uso de questionários tradicionais autoexplicativos, nos quais as pesquisas online não são viáveis. Além disso, o uso de entrevistadores bem treinados pode reduzir o viés.

Os respondentes mostraram dar respostas mais positivas e socialmente desejáveis nas respostas de entrevista presenciais e por telefone do que nas respostas de questionários auto aplicados, mesmo quando foram feitas tentativas para tomar a ordem das questões e os efeitos contextuais em conta (PRESSER; STINSON, 1998 apud BOWLING, 2005).

**Viés de consentimento de pesquisas tradicionais:** Além do desejo social, o viés de concordância também pode determinar se os participantes vão responder com veracidade, particularmente em pesquisas tradicionais (BOWLING, 2005). Qualquer excesso de respostas positivas na entrevista, em comparação com situações de autoadministração, também pode ser devido ao aumento do "dizer sim" ou tendência à aquiescência: uma tendência baseada na

cultura de concordar com os outros porque é percebida como mais fácil concordar do que discordar. Embora "dizer sim" também pode ser evidente em questionários auto aplicados, os estudos de Bowling (2005) evidenciaram que é menos pronunciado do que em entrevistas.

Questionários tradicionais de entrevistas têm um viés de concordância maior do que questionários autoexplicativos e questionários *online*. A idade também tem efeitos sobre o desejo social e o viés de aquiescência, os quais aumentam com a idade (MORALES-VIVES et al. 2014). É culturalmente mais fácil concordar com os outros do que discordar. No entanto, Bowling (2005) postulou que o viés de aquiescência pode ser reduzido mudando a ordem das respostas periodicamente em uma escala de medição (por exemplo, de “concordo totalmente - discordo totalmente” a “discordo totalmente - concordo totalmente”). Além do viés de consentimento, o viés do entrevistador também impacta nas entrevistas face a face.

**Viés do entrevistador:** A presença de um entrevistador pode ser uma distração para os entrevistados. Se for encontrado um excesso de respostas positivas ou socialmente desejáveis em situações de entrevista, isso poderia ser devido ao viés do entrevistador, ou seja, devido às características do entrevistador, ou porque as pessoas podem estar relutantes em revelar crenças que provavelmente não serão endossadas pelo entrevistador, como discutido anteriormente sobre viés de desejo social (BOWLING, 2005).

Além disso, os entrevistadores podem variar em sua capacidade de parecer ou parecer neutros, de ouvir, de investigar adequadamente, de usar técnicas para ajudar a recordar e registrar respostas ressalta Bowling (2005). O treinamento cuidadoso e o monitoramento dos entrevistadores podem minimizar isso, e a análise das respostas pelo entrevistador (onde mais de um é usado) pode verificar o viés do entrevistador. As três principais fontes de viés do entrevistador podem ser o entrevistador (preconceitos ou perguntas principais), o entrevistado (pode mentir ou evadir perguntas) e a própria situação da entrevista (ambiente físico e social). Os entrevistadores podem ter um impacto negativo em relação à administração do questionário.

Os entrevistadores variam em sua capacidade de parecer neutros, ouvir, investigar adequadamente e usar técnicas para ajudar a recordar e registrar respostas (BOWLING 2005; CALLEGARO; MANFREDA; VEHOVAR, 2017). Evasão ("não sei" ou nenhuma resposta) também foi identificada sendo mais comum em questionários autoexplicativos de papel e lápis. Apesar das diferenças entre os entrevistadores, o impacto negativo pode ser minimizado por meio de treinamento cuidadoso e monitoramento de entrevistadores e análise de respostas

por entrevistadores (para verificar o viés do entrevistador). Apesar das críticas feitas aos entrevistadores, eles apresentam várias vantagens na administração de questionários.

Um entrevistador bem treinado pode ajudar a aumentar as taxas de resposta, bem como itens de respostas, manter a motivação com questionários mais longos, investigar respostas, esclarecer dúvidas ambíguas, ajudar os participantes com cartões ampliados de opções de escolha de respostas, usar técnicas de estímulo de memória para ajudar a lembrar de comportamento de eventos e controle da ordem das questões (BOWLING 2005; MUTEPPFA; TAPER, 2018). Além disso, Bowling (2005) diz que os entrevistadores também podem ser treinados para seguir rotinas complexas de perguntas e pular instruções. Além disso, a entrevista presencial é considerada como a menos onerosa (Bowling 2005), uma vez que o participante só precisa ter habilidades verbais e auditivas básicas e capacidade de falar a mesma língua que no questionário, enquanto os questionários autoexplicativos exigem alfabetização e capacidade de seguir instruções de roteamento. Isso sugere a eficácia dos entrevistadores na coleta de dados.

Os entrevistadores também garantem que os participantes estejam motivados, respondam e registrem todas as respostas corretamente, o que aumenta a taxa de resposta. Também é mais fácil convencer os participantes da legitimidade do estudo pessoalmente.

D’Espíndula e França (2016) salientam que o entrevistado também traz consigo a influência direta do grupo social a que pertencem, muitos podem estar envolvidos em preconceitos, opiniões particulares, influências de pessoas, raça, religião e tipos humanos. Portanto, essas autoras alertam que o entrevistador deve estar atento aos próprios sentimentos, preconceitos, valores e expectativas, que podem ser fontes de vieses. Szymanski (2011) apud D’ESPÍNDULA; FRANÇA, 2016, p. 496) menciona que o entrevistador “[...] não pode ser alguém escolhido aleatoriamente e tampouco pode entrevistar sem conhecimento mínimo do ambiente sociocultural e institucional do entrevistado” ou seja, o entrevistado deverá perceber de antemão que está imbuído de papel cultural, atribuído pela sociedade que o cerca.

Em suma, o que D’Espíndula e França (2016) sublinham é que o entrevistador deve observar previamente as exigências da entrevista, podendo, assim, perceber-se apto ou inapto para a ocasião. O que se apreende dessas autoras é que, diante da possibilidade de assumir tal papel, o entrevistador deve se perguntar acerca das características do setor informal e do produtor e vendedor de tapioca, e reconhecer em si mesmo experiências anteriores que

poderão contribuir com sua percepção e se haverá circunstâncias pessoais capazes de influir, negativa ou positivamente, na entrevista a ser realizada.

**Ordem de resposta: efeitos de primazia e recência:** O viés da ordem das opções de resposta, por modo de aplicação, também foi relatado (TOURANGEAU; RIPS; RASINSKI, 2000). Idealmente, os entrevistados ouvem a pergunta durante as entrevistas, mantêm todas as opções de resposta em mente, às consideram e decide qual é a mais importante e aplicável a elas mesmas. Segundo Tourangeau, Rips e Rasinski (2000), essa é uma tarefa exigente, especialmente quando sob pressões de tempo, e em situações de entrevista por telefone onde não pode haver estímulos visuais (sequências de perguntas e respostas raramente excedem um minuto).

Estudos de Tourangeau, Rips e Rasinski (2000) indicaram que, quando as perguntas são apresentadas visualmente (como em questionários auto administrados), os entrevistados provavelmente começarão com a primeira opção de resposta apresentada (efeitos de primazia). Isso ocorre porque nas situações em que os entrevistados podem considerar as opções de resposta em seu próprio ritmo, eles podem escolher uma alternativa de resposta antecipada sem pensar muito, se estão dispostos a concordar, e passar para a próxima pergunta. Em contraste, quando as perguntas são apresentadas oralmente (como em entrevistas presenciais ou por telefone), os respondentes tendem a começar a processar a opção de resposta final oferecida (enquanto ainda a recordam) e, quando concordam, selecionam essa opção (efeitos recentes). Essa tendência leva a efeitos de ordem de resposta (TOURANGEAU; SMITH, 1996 apud TOURANGEAU; RIPS; RASINSKI, 2000). Há também algumas evidências de que a escolha de opções de resposta mais extremas (ou seja, 'muito' em oposição a 'razoavelmente' satisfeita) é mais comum em telefone, do que em entrevistas presenciais.

Embora as evidências sobre os efeitos de primazia e recência sejam misturadas, 16 uma meta-análise de experimentos de ordem de resposta em *surveys* de larga escala mostrou que os efeitos de recência foram mais pronunciados entre pessoas com 65 anos ou mais (KNŠUPER; SCHWARZ, 2004), possivelmente devido a alterações cognitivas que podem ocorrer com o processo do envelhecimento (PARK, 2000). Outra pesquisa também relatou que pessoas mais velhas e mais jovens são afetadas diferentemente pelas características do instrumento de pesquisa.

**Efeitos de recall:** Os entrevistados precisam lembrar as informações para responder a uma pergunta, e isso novamente pode variar de acordo com o modo de aplicação. O questionário em papel auto administrado é visual e o cenário da entrevista é relacionado à audição, resultando imediatamente em diferentes processos cognitivos operando. Em entrevistas, um entrevistador pode redirecionar os entrevistados de volta ao tópico de relevância se eles se desviarem dele, e utilizarem uma variedade de técnicas para estimular a memória, (BOWLING, 2001), mas em configurações de autoadministração isso não é possível, embora os próprios entrevistados possam consultar diários ou outras fontes de informação para ajudar na recuperação. Em contextos de autoadministração, o respondente, por si só, deve julgar se as informações que eles recordaram são relevantes para a pergunta e qual é a melhor maneira de responder.

**Extensão da resposta verbal:** Entrevistas por telefone tendem a ser mais curtas, o número médio de atos de comunicação é mais curto, e a duração dos enunciados é menor do que em entrevistas face a face. Os métodos telefônicos também mostraram respostas mais truncadas, ou sem resposta para perguntas abertas, do que em entrevistas face a face (SYKES; COLLINS, 1988).

A meta-análise de De Leeuw e van der Zouwen (1998) confirmou que a quantidade de informação dada pelos entrevistados para questões abertas e listas de verificação era maior em entrevista presencial do que nas entrevistas por telefone. Isso pode ser devido à necessidade de *feedback* e pressão para manter o fluxo verbal em conversas telefônicas, resultando em entrevistados respondendo perguntas mais rapidamente e entrevistadores permitindo menos tempo entre as perguntas. Mais sentenças, de maior extensão, também podem ser mais aceitáveis na situação de entrevista presencial.

**Informação sensível:** Outra limitação dos *surveys* tradicionais é a falta de vontade dos participantes para responder questões sensíveis. A relutância dos participantes em divulgar informações sensíveis aumenta em pesquisas presenciais, particularmente sobre o uso de substâncias ilícitas e comportamento sexual e criminal, observam Mutepfa e Tapera (2018). Entrevistadores aplicando *surveys* tradicionais podem fornecer mais informações aos participantes, mas os participantes são menos propensos a relatar as informações confidenciais. Pesquisadores como Bowling (2005) e Mutepfa e Tapera (2018) relataram que os participantes preferem questionários *online* a questionários tradicionais se o tema da

pesquisa diz respeito a questões sensíveis. Por exemplo, em uma pesquisa tradicional no Zimbábue, Mhaka-Mutepfa, Cumming e Mpofu (2014 apud MUTEFPA; TAPER, 2018) constataram que os participantes não responderam à pergunta da entrevista sobre “Quão satisfeito você está com sua vida sexual?” Mutepfa e Taper (2018) acreditam que garantias sobre confidencialidade e anonimato poderiam aliviar a falta de confiança na resposta a questões sensíveis.

A auto aplicação de questionários pode aumentar a disposição dos entrevistados para divulgar informações confidenciais, em comparação com entrevistas presenciais ou por telefone. O maior anonimato oferecido na pesquisa postal, com sua fraca presença social, por exemplo, foi relatado como responsável por uma alta resposta a itens, e por relatórios mais precisos sobre temas sensíveis, como saúde e comportamento (SIEMIATYCKI, 1979; PRUCHNO; HAYDEN, 2000; TOURANGEAU; RIPS, 2000). Há técnicas estabelecidas para obter informações sensíveis e para checar o viés, que se sobrepõem aos métodos de minimizar o viés do desejo social. É preferível minimizar o potencial de tal viés no início.

O Quadro 3 apresenta uma síntese da discussão do item dos efeitos do modo de coleta de dados na qualidade dos dados, e foi construído com base nos estudos de Bowling (2005).

**Quadro 3** – Síntese dos efeitos do modo de coleta de dados na qualidade dos dados

1	A impessoalidade do método	Enquanto um entrevistador pode aumentar a motivação para responder, bem como a precisão da resposta, os métodos de auto aplicação aumentam a impessoalidade percebida e podem encorajar o relato de alguma informação sensível (por exemplo, em situações de entrevista pode haver medo de constrangimento exposição de fraqueza, falha ou desvios na presença de um estranho).
2	A carga cognitiva imposta pelo método	Diferentes métodos fazem exigências diferentes aos respondentes, incluindo leitura, compreensão auditiva, seguir instruções, reconhecer números e inserir respostas. Entrevistas presenciais exigem o mínimo, enquanto a falta de apoio visual em entrevistas por telefone pode tornar a tarefa mais complexa.
3	A legitimidade do estudo	Isso pode ser mais difícil de estabelecer com alguns métodos do que outros. Em contraste com as comunicações em papel ou eletrônicas, os contatos telefônicos limitam as possibilidades de estabelecer as credenciais da pesquisa. Isso pode afetar a resposta inicial e a importância que os entrevistados atribuem ao estudo e sua motivação para responder as perguntas com precisão.
4	O controle sobre o questionário varia	Os entrevistadores têm o nível mais alto de controle sobre a ordem das perguntas. Nos modos de questionário em papel auto aplicado, há pouco controle sobre a ordem das perguntas.
5	Conexão na comunicação	O relacionamento entre o entrevistado e o entrevistador pode ser mais difícil de estabelecer em auto aplicação e entrevista por telefone do que nos modos presenciais, já que não há contato visual. Isso pode afetar negativamente a motivação para

		responder, embora o viés de desejo social possa ser reduzido, pois há menos necessidade de aprovação.
6	Estilo de comunicação	Mais informações podem ser obtidas na entrevista do que em outras situações, pois os entrevistadores podem motivar os entrevistados, fazer uma pausa para estimular respostas (mais longas) e esclarecer dúvidas; entrevistadores também podem levar a um viés de entrevistador e desejo social.

Fonte: Adaptado e traduzido de Bowling (2005).

As perguntas sensíveis são mais solicitadas por métodos mais impessoais e de auto aplicação, pois levam a níveis mais altos de relato (BRADBURN, 1983). Os níveis mais altos de relatos são para questionários de auto aplicação e entrevistas de autopreenchimento assistidas por computador, que permitem aos entrevistados realizarem suas respostas às perguntas diretamente no computador, permitindo maior confidencialidade.

### 2.3 ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS EM PESQUISAS SOCIAIS

Para Miotto (2009), o tema – estudos socioeconômicos – no âmbito do Serviço Social é parte intrínseca das ações profissionais dos assistentes sociais. O desenvolvimento das ações desses profissionais pressupõe o conhecimento acurado das condições sociais em que vivem os sujeitos aos quais elas se destinam, sejam indivíduos, grupos ou populações (MIOTTO, 2009). No entanto, esse tema se impõe ao debate, de modo especial, quando o Código de Ética do assistente social, o posicionamento dá-se em favor da equidade e justiça social, que assegure a universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática (BRASIL, 1993).

Por exemplo, ao se referirem à Lei nº 8.080, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1990), Graciano e Lehfeld (2010) destacam que a saúde é direito de todos e dever do Estado, tendo como fatores determinantes e condicionantes, entre ambos, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais.

Consequentemente, considerando a referida lei da saúde e o código de ética profissional, Graciano e Lehfeld (2010) defendem que estes fatores precisam ser considerados no estudo social, pois expressam a organização social e econômica do país. Considere-se que, no serviço social, os estudos socioeconômicos também se afirmam terminologicamente como estudo social, subsidiam pareceres sociais em diferentes espaços sócio ocupacionais,

especialmente aqueles vinculados ao campo das políticas públicas, com destaque à seguridade social e ao campo jurídico (MIOTO, 2009).

Segundo Miotto (2009), as atribuições profissionais sofrem mudanças significativas em função dos novos modelos e formatos dos programas e serviços sociais e novos estudos socioeconômicos vão sendo requeridos. Na Previdência Social, destinam-se, à concessão de benefícios, recursos materiais e para subsidiar a decisão médico-pericial. Na Política Urbana, são utilizados pelas administrações municipais nos processos de isenção de impostos, caso do Imposto Territorial Urbano (IPTU). Nos Programas Habitacionais de caráter governamental ou não, cresce o número de contratação de assistentes sociais para que realizem estudos socioeconômicos, entre outras ações, com vistas à aquisição e manutenção da casa própria. Nas empresas privadas, os estudos sociais servem para proporcionar acesso a determinados benefícios, inclusive empréstimos financeiros. E, por fim, a área sócio jurídica, novos postos de trabalho são criados em Tribunais, Ministério Público e Defensorias Públicas, com demandas de articulação entre as instituições (AZEVEDO et al., 2017), onde os estudos sociais são a base para emissão de pareceres e laudos, que inclusive têm valor de prova nos processos judiciais, Eles visam a contribuir, nas palavras de Fávero (2004, p. 42), para a “justa aplicação da lei”.

Portanto, no serviço social, os estudos socioeconômicos podem ser definidos como “[...] o processo de conhecimento, análise e interpretação de uma determinada situação social.” (MIOTO, 2009, p. 489). Sua finalidade imediata, segundo Miotto (2009), é a emissão de um parecer sobre a situação, da qual a pessoa demandante da ação depende para acessar benefícios, serviços ou resolver litígios. Essa finalidade é ampliada quando se incluem a obtenção e análise de dados sobre as condições socioeconômicas da população atendida em programas ou serviços, como procedimento necessário para subsidiar o planejamento e a gestão de serviços e programas, bem como a reformulação ou a formulação de políticas sociais (MIOTO, 2009).

Alves e Soares (2009) salientam que a sociologia tem uma longa tradição metodológica em produzir medidas correlatas relativas ao nível socioeconômico no escopo das pesquisas sobre estratificação e mobilidade social. Na sociedade, diferenças entre as pessoas são observadas quanto ao lugar que ocupam na hierarquia social. Essas diferenças se associam à formação educacional, à carreira profissional, ao acesso aos bens e serviços, à posição social, ao comportamento político e social, etc. E “[...] todas essas diferenças podem ser descritas adequadamente por um único construto denominado de nível socioeconômico (NSE).” (ALVES; SOARES, 2009, p. 1).

### 2.3.1 Medidas para avaliar o perfil socioeconômico

Na concepção de Alves e Soares (2009), o estudo dessas diferenças, constitui uma área de grande importância nas pesquisas sociais. Mas para que as diferenças na hierarquia social possam ser assimiladas e incorporadas na pesquisa empírica é necessário um esforço no sentido de definir e operacionalizar medidas dessas diferenças ressaltam esses autores. E a medida utilizada recebe o nome de nível socioeconômico (NSE).

Portanto,

do ponto de vista mais operacional, o NSE é tomado como um construto teórico, ou seja, uma variável latente (não diretamente observada) cuja medida é feita pela agregação de informações sobre: a educação, a ocupação e a riqueza ou rendimento dos indivíduos. (ALVES; SOARES, 2009, p. 2).

Análises de Alves e Soares (2009) mostram que a sociologia tem uma longa tradição metodológica em produzir medidas correlatas ao nível socioeconômico no escopo das pesquisas sobre estratificação e mobilidade social. Na maioria desses estudos, os postos ocupacionais que estruturam o sistema produtivo e o mercado de trabalho constituem a base conceitual e operacional para a definição desse tipo de medida.

A noção de nível socioeconômico enfatiza as medidas contínuas para descrever a estrutura social, explicam Alves e Soares (2009). A estrutura social, reconhecida como aplicação empírica da teoria funcionalista reconhece uma estrutura hierárquica da sociedade com base nas ocupações (BLAU; DUNCAN, 1967 apud ALVES; SOARES, 2009). Na análise de Alves e Soares (2009), o estudo mais influente é o trabalho de Duncan (1963), que desenvolveu uma escala de *status* socioeconômico dos títulos ocupacionais registrados no censo norte-americano de 1950. Nesse estudo, o *status* socioeconômico era captado por um indicador de prestígio das diferentes ocupações.

Segundo Alves e Soares (2009), a hipótese subjacente de Duncan (1963) é que a qualificação para a ocupação se dá por meio da educação, e a remuneração é consequência da ocupação, ou seja, a educação e a renda são, respectivamente, causa e efeito do *status* ocupacional. No entanto, considerando a complexidade da estrutura ocupacional das sociedades capitalistas contemporâneas, não é um procedimento tão simples generalizar um índice de NSE a partir de escores de prestígio ocupacional, contestam Alves e Soares (2009).

No Brasil, pesquisas em estratificação social e mobilidade têm estimulado a produção de esquemas de classificação socioeconômica adaptados à realidade do país (ALVES; SOARES, 2009). Segundo os autores, os estudos nacionais mais influentes utilizam os dados produzidos pelo IBGE no âmbito da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e do Censo Demográfico.

Como um esquema hierárquico de classificação socioeconômica no Brasil, Alves e Soares (2009) se baseia em Pastore (1979) que utilizou dados da PNAD 1973, e Pastore e Silva (2000) que utilizaram dados da PNAD 1996. Esses autores formaram uma escala de *status* socioeconômico combinando o nível educacional e o nível de rendimentos dos indivíduos dentro de cada título ocupacional registrados na PNAD. A escala obtida foi então dividida em seis estratos hierarquizados: (1) baixo-inferior; (2) baixo superior; (3) médio-inferior; (4) médio-médio; (5) médio-superior e (6) alto.

Outras referências nacionais apontadas por Alves e Soares (2009) são os trabalhos de Scalon (1998) e Santos (2002; 2005), porém com perspectivas teóricas diferentes. Esses estudos propõem alternativas de classificação socioeconômica que consideram não as hierarquias de *status*, mas a situação das classes sociais a partir da análise das posições das ocupações na produção e no mercado de trabalho. As classes assim descritas e organizadas em categorias ocupam posições distintas, não diretamente hierarquizáveis (ALVES; SOARES, 2009).

O que se conclui com Alves e Soares (2009) é que a ocupação é considerada um indicador singular para a análise da desigualdade social porque pode informar, ao mesmo tempo, os requisitos educacionais e o retorno econômico para cada posto ocupacional. No entanto, Alves e Soares (2009) reconhecem que nem sempre é possível descrever os parâmetros básicos da estrutura de estratificação social apenas com o conhecimento dos títulos ocupacionais. E como já apresentado anteriormente, esses autores sustentam que o nível sócio econômico das famílias é um construto teórico, que não pode ser diretamente medido, mas que se manifesta na educação, ocupação e renda dos responsáveis pela família.

O nível de educação formal é a variável mais usualmente e mais facilmente coletado em questionários. Segundo Alves e Sousa (2009), alguns pesquisadores preferem operacionalizá-lo pela contagem dos anos de estudos, como uma variável discreta, outros preferem categorizá-la segundo os níveis educacionais, reconhecendo nessas as barreiras estruturais que caracterizam os sistemas de ensino. Além disso, essa variável surge em alguns

estudos como indicador único do nível socioeconômico, devido à forte correlação entre rendimento e anos de estudo.

A coleta de dados sobre a renda dos indivíduos e das famílias também é usual nos questionários das pesquisas sociais, mas o modo de medi-lo não é padronizado entre os estudos. Porém, como enfatizam Alves e Sousa (2009, p. 7), “[...] obter respostas fidedignas para uma pergunta sobre a renda nem sempre é possível, mesmo quando apresentada em forma de categorias (faixas de rendimento)”. Também, segundo Alves e Sousa (2009), muitos não respondem a esta questão, por exemplo, aqueles que têm uma inserção precária no mercado de trabalho, os que têm um rendimento muito variado, ou mesmo os que preferem não revelar a renda. Além disso, os economistas alertam para a distinção entre a renda do trabalho e a renda do capital sendo que os detentores de mais capital tendem muito mais a omitir a própria renda (ALVES; SOUSA, 2009).

Uma alternativa para conhecer a renda dos indivíduos é a coleta de dados que possibilitem inferir indiretamente a riqueza da família. Nos questionários dos *surveys* é comum a inclusão de vários itens sobre consumo de itens de conforto e contratação de empregados domésticos para essa finalidade. Alves e Sousa (2009) argumentam que a medida do nível sócio econômico pelo consumo de bens e serviços busca reconstruir as hierarquias sociais conhecendo a destinação que as famílias dão à riqueza obtida devido a sua origem social.

A agregação desses itens juntamente com a informação sobre a escolaridade do responsável pela família constitui a base para o cálculo do Critério de Classificação Econômica Brasil, proposto pela Associação Nacional de Empresas de Pesquisa (ANEP) que é um indicador do poder de compra dos indivíduos e por isso tem larga aplicação nas pesquisas de mercado (ALVES; SOUSA, 2009).

Todavia, ainda assim, essas evidências de riqueza são muito sensíveis às diferenças regionais, às mudanças nos padrões de consumo das famílias, além de não discriminarem o valor do bem consumido, por exemplo, dos itens como carro e telefone celular, como já discutido por Soares e Andrade (2006).

Alves e Souza (2009) apontam mais uma alternativa, a estimação da renda indiretamente de acordo com o local de residência da família. O pressuposto é que as moradias compartilham uma vizinhança que pode ser caracterizada em termos de sua composição social e econômica.

Em relação à ocupação, se, por um lado, há um consenso entre os sociólogos sobre a centralidade dessa variável para a descrição da estrutura social, por outro lado, não se verifica o mesmo acordo quanto ao modo de coletá-la e de classificá-la. Mas, ao contrário da renda, é mais fácil obter respostas fidedignas sobre a ocupação.

### **2.3.2 Uso de indicadores no estudo socioeconômico**

Os procedimentos de quantificação do nível socioeconômico descritos acima são rigorosos e metrológicos, embora com espaço para a subjetividade, e sua operacionalização, como vimos, é realizada por critérios associadas à renda, educação e ocupação. Existem, porém, muitas circunstâncias em que se empregam indicadores, os quais muitas vezes dão uma indicação do que se pretende saber, mas não uma certeza absoluta, embora a robustez tende a crescer com o aperfeiçoamento do processo de observação.

Indicador social é definido por Jannuzzi (2004, p. 15), como: “uma medida em geral quantitativa dotada de significado social substantivo, usado para substituir, quantificar ou operacionalizar um conceito social abstrato, de interesse teórico [...] ou programático [...]”.

Ao se referirem ao conceito de indicador social de Jannuzzi (2004), Graciano e Lehfeld (2010) apreendem um indicador como um recurso metodológico, que informa algo sobre um aspecto da realidade social ou sobre mudanças que nela estão se processando. Sustentam que “[...] os indicadores sociais, se bem empregados, podem enriquecer a interpretação empírica da realidade social e orientar de modo mais competente a análise, a formulação e a implementação das políticas sociais.” (GRACIANO; LEHFELD, 2010, p. 159).

A construção dos indicadores para a avaliação socioeconômica, desenvolvida por Graciano e Lehfeld (2010) é um aprimoramento da proposta de Graciano, Lehfeld e Neves Filho (1996, 1999). O objetivo é refletir as situações encontradas socialmente e servir de instrumento para o conhecimento aproximativo da realidade do usuário e possibilidades de intervenção social. Os seguintes indicadores constituem a proposta de Graciano e Lehfeld (2010):

- a. Situação econômica;
- b. Quantidade de membros da família;
- c. Nível educacional;
- d. Habitação.

A pontuação relativa a cada indicador a ser examinado na proposta de Graciano e Lehfeld (2010) diz respeito ao critério de valoração do menos complexo ao mais complexo. Estatisticamente, a elaboração do instrumental proposto estabeleceu um sistema de pontuação simples que deve resultar, por correlações, em um tipo de classificação por estratos, abrangendo seis estratos definidos pelo número de pontos acumulados. São eles: estratos baixo inferior e superior, médios inferior, médio e superior e o alto.

Graciano e Lehfeld (2010) estabeleceram nessa ordenação um conjunto de relações assimétricas, cujas variáveis independentes são a renda e ocupação. “Dispondo de forma correlacionada, esses indicadores determinarão, com o auxílio mais tênue dos demais, o número de pontos alcançados e o correspondente estrato da família.” (GRACIANO; LEHFELD, 2010, p.171). Para tanto, segundo os autores, a valoração persegue a escala da menor para a maior complexidade e necessidades, seja nos intervalos internos dedicados a cada um dos quadros, seja na somatória total, referente à distribuição dos estratos constitutivos.

Importante ressaltar aqui o que Mito e Nora (2006 apud MIOTO, 2009) salientam sobre a definição de família. Segundo esses autores, no indicador domicílio (ou habitação como definem Graciano e Lehfeld, 2010), a família é definida a partir da coabitação na mesma unidade de moradia.

Assim, nos censos demográficos (tipo IBGE) e outras pesquisas domiciliares (tipo PNAD), o alcance máximo de uma família vai até os limites físicos da moradia. Uma mesma família (definida pelos laços de parentesco e de ajuda mútua) que ocupe dois domicílios é contabilizada como duas famílias (ALVES; CAVENAGHI, 2005). Portanto, família e domicílio são indicadores intrinsecamente relacionados nos censos demográficos.

Porém, há a questão das “famílias conviventes” que, como explicam Alves e Cavenaghi (2005), se originam de um procedimento metodológico adotado pelo IBGE que fraciona as famílias dentro de um mesmo domicílio. Assim, o conceito de família censitária do IBGE define um responsável pela família, mesmo que este não seja o responsável pelo domicílio (ALVES; CAVENAGHI, 2005). Toda vez que isto acontece, têm-se os domicílios com famílias conviventes. Na verdade, as famílias conviventes do IBGE são famílias estendidas, compostas por duas ou mais famílias nucleares, parentes ou não parentes.

Logo, segundo Mito (2009), o IBGE entende que nos domicílios convivem pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência. Reconhece-se a existência de vários núcleos numa mesma unidade de moradia quando existe

independência no acesso a determinado espaço da habitação ou quando existe independência nas despesas de alimentação e moradia (MEDEIROS; OSÓRIO, 2001 apud MIOTO, 2009).

Isso quer dizer que um casal com um filho é uma família única (três pessoas), mas um casal com apenas um filho se torna duas famílias se este filho se casa e o cônjuge for morar no mesmo domicílio. Nesse segundo caso teríamos uma família principal (composta pelo casal de pais) e uma família secundária composta pelo casal formado pelo filho e nora. E assim por diante. Note-se que, se na metodologia do IBGE essas famílias conviventes desaparecessem, a quantidade de famílias coincidiria com a quantidade de domicílios.

Por tudo isso, segundo Miotto (2009), embora o domicílio seja um dos indicadores mais óbvios da existência de uma família, não devem ser relegados os dois outros indicadores, a saber, o parentesco e as relações afetivas. O parentesco define-se pela existência de laços consanguíneos ou biológicos e, não necessariamente, coincide com a unidade de moradia ou com as relações afetivas, evidencia Miotto (2009). No entanto, quando se trata de família, a noção de parentesco é um indicador importantíssimo no serviço social.

Toda a discussão antropológica sobre família tem na categoria do parentesco sua pedra fundamental, e esse indicador tem orientado ao longo da história tanto as definições legais sobre os direitos como as obrigações familiares que rebatem fortemente nas definições sobre os beneficiários das diferentes políticas sociais. (MIOTO, 2009, p. 492).

As relações afetivas, por seu turno, concorrem para se definir família a partir de aspectos e vivências subjetivas e por isso assumem características muito particulares (MIOTO, 2009). “Nessa concepção de família, podem ser incluídas pessoas, como amigos e vizinhos, que não têm laços nem de parentesco e nem partilham da mesma unidade de moradia.” (MIOTO, 2009, p. 492).

Apesar da distinção efetuada, segundo Miotto (2009), esses indicadores não se excluem, mas se apresentam superpostos ou inter-relacionados e ganham sentidos diversos nas diferentes classes sociais, nas diferentes culturas e nas diferentes formas de organização e de convivência das famílias.

No serviço social, os estudos sociais se realizam, via de regra, a partir de demandas de uma determinada pessoa que chega a um programa ou serviço. Segundo Miotto, o assistente social deve contemplar o conhecimento da situação em que a pessoa demandante está implicada e de suas condições de vida. Tradicionalmente, a rede de relações primárias tem sido privilegiada nesse processo, em particular, a família, por ser o primeiro núcleo de referência dos indivíduos na vida social e por conformar a sua condição social.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos seus procedimentos técnicos, esta é uma pesquisa bibliográfica, uma vez que se constituiu de um levantamento e da análise de outras pesquisas sobre o tema.

Inicialmente se buscou literatura para compreender o conceito, as características e demais peculiaridades do setor informal e da produção e venda de tapioca. Para isso foi feita uma busca em conjunto com todos os orientandos de TCC da orientadora e, posteriormente, os textos recuperados foram distribuídos entre os quatro orientandos, segundo a temática em estudo de cada graduando.

Na segunda fase do levantamento da literatura, especificamente pertinente à coleta de dados para formação de um perfil socioeconômico, não foi encontrado grande quantidade de publicações que tratasse diretamente sobre o tema, exceto alguns artigos na área da sociologia e do serviço social.

Embora utilizados vários termos de busca em diferentes bases de dados, diversos artigos apresentavam como foco entrevistas com determinado público, as quais, numa primeira etapa, procuravam desenhar o perfil dos seus entrevistados, mas, por não ser o foco da entrevista, não discutem a temática do perfil socioeconômico. Em alguns pontos, esses artigos foram úteis na construção do texto, mas, em sua maior parte, foi necessário começar pela identificação de aspectos em comum, examiná-los e, depois, desenhar o perfil socioeconômico mais próximo da realidade das pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda de tapioca.

A terceira fase da pesquisa bibliográfica se concentrou sobre métodos e técnicas quantitativos em pesquisa social, com ênfase nos efeitos do modo de aplicação do questionário e na qualidade dos dados. Os termos-chave foram limitados a "modo de aplicação de questionários", tipos de *surveys*, e "vieses na coleta de dados" e para focar a pesquisa em inglês 'mode of administration' e 'data collection bias'.

Também foi consultado o Professor Doutor Remo Muntzberg da área de sociologia que sugeriu obras básicas clássicas, as quais foram fundamentais para esclarecimentos sobre variáveis, escalas, índices, amostras, entre outros temas pertinentes.

Em ambos os casos, a busca da literatura incluiu bases de dados e acervos bibliográficos representando diferentes disciplinas na área da CI, metodologia da pesquisa, serviço social e sociologia. Os bancos de dados pesquisados foram Medline, Scielo e Social Science Citation Index.

Quanto aos seus objetivos, esta é uma pesquisa exploratória, uma vez que, por meio de fundamentos bibliográficos visa oferecer informações e orientar a formulação de um questionário socioeconômico. A pesquisa exploratória procura explorar um problema para fornecer informações para uma investigação mais precisa, não necessariamente obter conclusões exaustivas. As pesquisas exploratórias visam uma maior aproximação com o tema, que pode ser construído para a familiarização do pesquisador com o objeto que está sendo investigado (GIL, 2008).

No início de um estudo, o problema a ser investigado não estava totalmente definido e faltavam informações para a sua compreensão completa. Além disso, faltava um maior entendimento da questão para a formulação das variáveis, das escalas e dos índices socioeconômicos, nem tampouco estava claro sobre o tamanho da amostra que poderia ser sugerida para ser testada na aplicação do questionário proposto. Essas condições são características da pesquisa exploratória, como aponta Gil (2008).

### 3.1 COLETAS DE DADOS, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A coleta dos dados ocorreu durante a leitura e redação dos fundamentos teóricos, pois cada variável apontada pelos autores já foi separada em arquivo anexo, bem como a justificativa de sua inclusão no questionário socioeconômico.

A primeira versão do questionário foi realizada em uma atividade conjunta com a disciplina Fundamentos em Gestão da Informação, ministrada pela orientadora deste TCC, na qual fui convidado para participar. A atividade consistia de um exercício, no qual os graduando, em grupos de trabalho, estavam estudando a relação entre dados, informação e conhecimento, objetos de estudo da Ciência da Informação.

Os estudantes foram estimulados a identificar os dados relevantes (variáveis), os quais após coleta, análise e contextualização, poderiam contribuir para descrever o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda de tapioca.

O referido exercício contribuiu com o levantamento de novas bibliografias e de seis propostas de questionários, cujas variáveis e índices, depois de apresentados, justificados e debatidos em sala de aula, foram reunidos em um único instrumento de coleta de dados. Foi a partir desse instrumento que esse estudo seguiu com revisões, ajustes, inclusões, e cuja proposta final é aqui apresentada. O questionário foi elaborado pela interpretação das contribuições ao marco teórico de cada área de conhecimento associada a este trabalho.

## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Os resultados são apresentados iniciando com o uma justificativa sobre o formato das perguntas, segue com a justificativa das escolhas das variáveis e com a proposição do questionário. Por fim, apresenta-se uma proposta de modo de aplicação do questionário, com sua respectiva justificativa.

### 4.1 JUSTIFICATIVAS PARA AS ESCOLHAS DAS VARIÁVEIS E DAS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO

Na elaboração do questionário optou-se por perguntas estruturadas, com algumas alternativas de respostas fechadas. Além disso, um formato de perguntas abertas ofereceu abertura aos respondentes darem suas próprias resposta a uma pergunta.

Os pesquisadores de *survey* têm à disposição grande número de variáveis, e, portanto, segundo Babbie (2005, p. 84) “[...] estão em posição excelente para examinar cuidadosamente a importância relativa de cada uma.”. Além disso, o formato *survey* permite obter muitas variáveis que podem ser quantificadas e processadas por computador, e, portanto, a proposta aqui apresentada possibilita construir vários modelos explicativos e então selecionar o que melhor servir ao propósito de descrever o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda da tapioca de Recife.

Note-se que parte importante da pesquisa por *surveys* aqui proposta envolve a estimativa dos parâmetros populacionais das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca, baseada nas observações amostrais. Segundo Babbie (2005), um parâmetro é a descrição sumária de uma variável numa população. Assim, a renda média de todas as tapioqueiras e a distribuição etária dos tapioqueiros, são parâmetros.

Mas, “uma estatística é a descrição sumária de uma variável num *survey* por amostragem”. (BABBIE, 2005, p. 124). Ou seja, usa-se estatísticas de amostras para fazer estimativas sobre parâmetros populacionais. Portanto, a renda média computada a partir do *survey* por amostragem e a distribuição etária daquela amostra são estatísticas sobre os tapioqueiros.

Na proposição deste questionário socioeconômico, a escolha de algumas variáveis é justificada com base em autores, legislações ou pelo IBGE. O IBGE tem atribuições ligadas às estatísticas sociais, demográficas e econômicas, o que inclui realizar censos e organizar as

informações obtidas nesses censos, para suprir órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal, e para outras instituições e o público em geral.

A estratificação tem como núcleo central as pessoas que atuam na produção e venda de tapioca, mais propriamente as suas condições de vida e de trabalho. Para tanto, faz-se necessário o levantamento de um rol de dados e considerações socioeconômicas sobre suas rendas, composição demográfica familiar, nível educacional e condições habitacionais, entre outras variáveis relevantes que estão estabelecidas no questionário, subsidiando as intervenções nos processos de inovação inclusivas subsequentes.

#### **4.1.1 Sobre o nome das pessoas**

A primeira pergunta constante de um questionário está relacionada ao nome do indivíduo que o responde. Pode parecer uma pergunta simples, porém, é necessário atentar para a existência também de um nome social. O nome social é o nome pelo qual pessoas transexuais, travestis ou de qualquer outro gênero preferem ser chamadas. Difere do nome registrado oficialmente quando a pessoa nasce e que está relacionado à sua identidade civil e, normalmente, ao sexo biológico que lhe é atribuído no nascimento, e não à sua identidade de gênero.

Relacionado ao nome social, o Decreto Nº 8.727, de 28 de abril de 2016, dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Logo, nome social é designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida.

Em seu Art. 3º, lê-se que os registros dos sistemas de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional “deverão conter o campo “nome social” em destaque, acompanhado do nome civil, que será utilizado apenas para fins administrativos internos” (BRASIL, 2016).

Portanto, a pergunta relacionada ao nome do indivíduo deve ser apresentada de dois modos:

**Nome civil:**

**Nome social:**

Para o caso de o indivíduo não possuir um nome social, ele pode preencher novamente o seu nome civil ou simplesmente deixar este campo em branco.

#### 4.1.2 Sobre a identidade de gênero

Outra pergunta nos questionários é a relacionada à identidade de gênero do indivíduo. Neste sentido, foi seguido o disposto no Decreto Nº 8.727/2016, no qual identidade de gênero consiste no modo como a pessoa se identifica com o seu gênero. Em suma, representa como a pessoa se reconhece: homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros, independente da sua orientação sexual. Logo, segundo essa abordagem, o que determina a identidade de gênero é a maneira como a pessoa se sente e se percebe, assim como a forma que esta deseja ser reconhecida pelas outras pessoas. E o que determina o sexo de uma pessoa é a anatomia do seu corpo: órgãos sexuais, genitália, hormônios, cromossomos e todas as características que diferenciam o sexo masculino do feminino (GLAAD, 2015).

Sendo assim, na identidade de gênero, há três grandes grupos (GLAAD, 2015):

- a. Cisgênero - pessoa que se identifica com o mesmo gênero do seu sexo biológico;
- b. Transgênero - pessoa que se identifica com o gênero oposto ao do seu sexo biológico;
- c. Não binários - todos aqueles que não são nem 100% sexo feminino e nem 100% sexo masculino.

É imprescindível que um questionário seja permeado de perguntas inclusivas e isento de discriminações de qualquer teor. Por isto, em perguntas relacionadas à identidade de gênero, ainda que este não seja o foco do questionário, é recomendável a abrangência de todos os grupos correspondentes. Tais perguntas podem ser apresentadas como utilizado pela Universidade Federal da Paraíba que, em seus formulários de inscrição para o processo de seleção ao programa de pós-graduação em Ciência da Informação:

**Identidade de gênero:**

- Mulher (transgênero ou cisgênero)
- Homem (transgênero ou cisgênero)
- Não binário
- Outro \_\_\_\_\_
- Prefiro não dizer

Essas opções de respostas são abrangentes e inclusivas, levando em consideração o foco socioeconômico do questionário.

### 4.1.3 Sobre a etnia

A pergunta relacionada à etnia também possui discussões acerca de sua melhor aplicação, isto porque a população do Brasil, como grande parte da América Latina, é caracterizada por um grande grau de mistura étnica, com a maioria das pessoas com algum grau de herança mista da colonização branca, de negros descendentes de escravos e de grupos indígenas (UNRISD, 2010). Desde 1950, o censo brasileiro distingue cinco grupos populacionais - branca, preta, amarela, parda e no Censo Demográfico de 1991 foi incluído a categoria indígena. Tal categoria foi reintroduzida na classificação depois de 101 anos de ausência, passando assim a pergunta a ser colocada como de “**cor ou raça**”, desde que, supostamente, indígena seria uma raça e não uma cor, como as outras categorias (PETRUCCELLI, 2013).

A apresentação da supramencionada pergunta em questionários pode ser feita da seguinte maneira:

**Cor ou raça:**

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena

### 4.1.4 Sobre a escolaridade

A questão relacionada ao nível de escolaridade se levou em consideração a composição dos níveis escolares estabelecida pela Lei de Diretrizes e Base (BRASIL, 1996): Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Superior. Para avaliar o nível educacional se considerou os procedimentos em uso do IBGE para o Censo Demográfico de 2010, que segmentou a escolaridade nos seguintes grupos: não alfabetizado, ensino fundamental, ensino médio, ensino superior, especialização superior, mestrado e doutorado.

Seguindo esses padrões e adaptando a questão ao estudo socioeconômico, pode-se apresentar a pergunta do seguinte modo:

**Escolaridade:**

- Não alfabetizado

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo ou cursando
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo ou cursando
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo ou cursando
- Especialização superior
- Mestrado
- Doutorado

#### **4.1.5 Sobre os rendimentos**

No que se refere aos rendimentos brutos auferidos no trabalho de produção e venda de tapioca, realizou-se uma ordenação por valores monetários, a partir do procedimento em uso pelo IBGE no Censo Demográfico de 2010. Esse instituto categoriza as classes de rendimento nominal mensal em salários mínimos que vai de  $\frac{1}{2}$  a mais de 20 salários-mínimos, ou seja: até  $\frac{1}{2}$ , mais de  $\frac{1}{2}$  a um, mais de um a dois, mais de dois a cinco, mais de cinco a 10, mais de 10 a 20, e mais de 20 salários mínimos. Foram feitas algumas alterações para os fins desta pesquisa e optou-se pela faixa que vai de  $\frac{1}{2}$  até 5 salários mínimos.

Desta forma, a pergunta seria apresentada da seguinte forma no questionário:

**Qual é, aproximadamente, a sua renda mensal com a venda de tapioca?**

- Até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 2 salários mínimos
- De 2 a 3 salários mínimos
- De 3 a 4 salários mínimos
- De 4 a 5 salários mínimos

#### **4.1.6 Sobre as condições habitacionais e escolaridade**

Segundo Graciano e Lehfeld (2010, p. 165), os indicadores que medem as condições e a situação habitacional, o número de membros residentes no mesmo imóvel e o nível de escolaridade dessas pessoas pode ser utilizado para “[...] consolidar o quadro de inserção

social da família, em relação à estratificação social que ocupa na sociedade, analisando determinados atributos derivados desses elementos qualitativos.”.

Sendo assim, perguntas relacionadas aos membros conviventes podem ser apresentadas como a seguir:

**Endereço da residência:** \_\_\_\_\_

**Situação da residência:**

- Própria
- Alugada
- Cedida
- Financiada
- Outro: \_\_\_\_\_

**Tem filhos?**

- Sim. Quantos? \_\_\_\_\_
- Não

**Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos)**

- Moro sozinho (a)
- 1 a 3
- 4 a 7
- 8 a 10
- Mais de 10

**Qual é o maior grau de escolaridade entre as pessoas que moram com você?**

- Não alfabetizado
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo ou cursando
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo ou cursando
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo ou cursando

- ( ) Especialização superior
- ( ) Mestrado
- ( ) Doutorado

#### **4.1.7 Sobre o setor informal**

Para o caso de um questionário específico voltado a obter resultados acerca das pessoas que trabalham no setor informal da venda de tapioca no Recife, algumas perguntas são essenciais para que se descreva o perfil socioeconômico desses trabalhadores.

Questões relacionadas aos motivos da escolha pelo trabalho informal, entre outras, podem ajudar a traçar um perfil mais preciso sobre esses trabalhadores e, assim, auxiliar em futuras ações de inclusão e inovação. Todas essas questões estão elencadas a partir da pergunta 14, a seguir, na proposição do questionário completo com 30 questões.

Igualmente, cabe aqui ressaltar, que o projeto “Inovação Inclusiva: projetando recursos de informação no comércio informal de tapioca” prevê outras pesquisas mais específicas, as quais serão objeto de outros estudos: um deles visa examinar os pilares básicos de suas estratégias em relação ao produto, preço, promoção e ponto de venda; o outro diz respeito à segmentação dos clientes e ao potencial de mercado.

## **4.2 PROPOSIÇÕES DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO**

**Nome do entrevistador:**

**Data:**

**1) Nome civil:** \_\_\_\_\_

**2) Nome social:** \_\_\_\_\_

**3) Idade:** \_\_\_\_

**4) Identidade de gênero:**

- ( ) Mulher (transgênero ou cisgênero)
- ( ) Homem (transgênero ou cisgênero)
- ( ) Não-binário
- ( ) Outro: \_\_\_\_\_

Prefiro não dizer

**5) Cor ou raça:**

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena

**6) Escolaridade:**

- Não alfabetizado
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo ou cursando
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo ou cursando
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo ou cursando
- Especialização superior
- Mestrado
- Doutorado

**7) Estado civil:**

- Solteiro(a)
- Casado (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Relacionamento estável

**8) Endereço da residência:** \_\_\_\_\_

**9) Situação da residência:**

- Própria
- Alugada

- Cedida
- Financiada
- Outro: \_\_\_\_\_

**10) Tem filhos?**

- Sim. Quantos? \_\_\_\_\_
- Não

**11) Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos)**

- Moro sozinho (a)
- 1 a 3
- 4 a 7
- 8 a 10
- Mais de 10

**12) Qual é o maior grau de escolaridade entre as pessoas que moram com você?**

- Não alfabetizado
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo ou cursando
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo ou cursando
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo ou cursando
- Especialização superior
- Mestrado
- Doutorado

**13) Das pessoas que moram com você, quantas colaboram com a renda familiar?**

- Nenhuma (minha renda é a única da família)
- 1 a 3
- 4 a 7
- 8 a 10
- Mais de 10

**14) A tapioca é o seu produto mais vendido?**

- Sim
- Não
- Não sei

**15) Qual é, aproximadamente, a sua renda mensal apenas com a venda de tapioca?**

- Até ½ salário mínimo
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 2 salários mínimos
- De 2 a 3 salários mínimos
- De 3 a 4 salários mínimos
- De 4 a 5 salários mínimos

**16) Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar total mensal?**

- Até ½ salário mínimo
- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 2 salários mínimos
- De 2 a 3 salários mínimos
- De 3 a 4 salários mínimos
- De 4 a 5 salários mínimos

**17) Endereço do ponto de venda: \_\_\_\_\_****18) Motivo da escolha da localidade do ponto de venda:**

- Facilidade de acesso
- Visibilidade para os clientes
- Clientes fidelizados
- Outro \_\_\_\_\_

**19) O ponto de venda é:**

- Alugado
- Próprio

- ( ) Cedido
- ( ) Fornecido pela Prefeitura
- ( ) Outro \_\_\_\_\_

**20) O ponto de venda está localizado próximo à sua residência?**

- ( ) Sim
- ( ) É na minha própria residência
- ( ) Não

**21) Há quanto tempo atua no local? \_\_\_\_\_**

**22) Já atuou em outros pontos de venda?**

- ( ) Sim. Qual o motivo da mudança no ponto de venda? \_\_\_\_\_
- ( ) Não

**23) Há quanto tempo atua no mercado informal de venda de tapioca?**

\_\_\_\_\_

**24) Já comercializaram outros tipos de produtos no mercado informal?**

- ( ) Sim
- ( ) Não

**25) Você trabalha sozinho (a) ou conta com a ajuda de outras pessoas?**

- ( ) Trabalho sozinho (a)
- ( ) Possuo ajuda de familiares. Quantos? \_\_\_\_\_
- ( ) Possuo ajuda de pessoa sem vínculo familiar. Quantos? \_\_\_\_\_

**26) Caso conte com a ajuda de outras pessoas, elas são remuneradas pelo trabalho?**

- ( ) Sim. Quanto recebem, em média? \_\_\_\_\_
- ( ) Não

**27) Por que escolheu ingressar no comércio informal de venda de tapioca?**

- ( ) Falta de oportunidade no mercado formal

- Liberdade comercial
- Retorno rápido do investimento
- Outro: \_\_\_\_\_

**28) Quantos dias na semana você trabalha?**

- 1 a 2 dias
- 3 a 4 dias
- 5 a 6 dias
- 7 dias

**29) Quantas horas por dia você trabalha?**

- 4 horas
- 6 horas
- 8 horas
- 10 horas (ou mais)

**30) Qual meio de transporte você utiliza para chegar ao trabalho?**

- Carro
- Moto
- Ônibus (Integração)
- Metrô
- Outro: \_\_\_\_\_.

### 4.3 SELEÇÕES DO MODO DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O método de *survey* presencial, com ajuda de um entrevistador, com questionários registrado no *tablet ou smartphone*, foi escolhido como o mais apropriado para ser aplicado junto as pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca.

Uma síntese do estudo de Bowling (2005) mostra que, embora os efeitos tendenciosos do modo de preferência dos respondentes sejam desconhecidos, estudos que examinam as preferências dos entrevistados relatam que as pessoas preferem entrevistas presenciais a entrevistas telefônicas, e questionários de autopreenchimento eletrônico à questionários de autopreenchimento em papel. As entrevistas presenciais registradas no computador portátil do entrevistador (*tablets*), também foram relatadas como aceitáveis para pessoas com 65 anos ou mais.

Embora o setor informal não possa ser plenamente explicitado numa definição precisa, a escolha para usar o método de *survey* presencial, com ajuda de um entrevistador se justifica devido às condições peculiares dos respondentes. De um modo geral, o setor informal de produção e venda de tapioca traduz um conjunto de atividades, nas quais os trabalhadores, em geral destituídos socialmente, encontram mais dificuldade de acesso à internet, falta de tempo e de disponibilidade, como também o nível de escolaridade mais baixo pode dificultar o preenchimento de um questionário. Um entrevistador poderá ajudar sanar dúvidas e digitar as respostas em aparelhos eletrônicos facilitando as análises posteriores.

Os tipos de perguntas e necessidades de informação também desempenham um papel importante na seleção do método ou das fontes de dados a serem usadas para pesquisa, dependendo da mais apropriada, orientam autores como Callegaro et al. 2017 e Mutepfa e Tapera (2018). Segundo eles, um ponto forte para os *survey* presenciais é que os participantes são observáveis e mudanças ambientais podem ser detectadas durante sua aplicação. Interação pessoal e controle dentro do ambiente de pesquisa tradicional também é uma vantagem.

Embora os *surveys* presenciais consumam mais tempo, pois envolvem a criação de entrevistas e a coleta demorada de dados, neste caso, os entrevistadores deverão usar *tablets, smartphones* ou outros aplicativos eletrônicos na coleta, o que facilitará a tabulação dos dados.

No entanto, apesar dos pontos fortes mencionados em *surveys* tradicionais, os mesmos têm suas próprias limitações. Mutepfa e Tapera (2018) apontam que as pessoas que participam de pesquisas tradicionais podem se sentir obrigadas a se adequar ao tempo dos entrevistadores e não podem acompanhar a entrevista, enquanto as pesquisas na Internet podem ser salvas e continuadas em uma data posterior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para atender ao seu objetivo geral, neste estudo foi elaborado um instrumento de coleta de dados, com uma seleção de variáveis, as quais, após coletadas e analisadas, viabilizam descrever o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda de tapioca em Recife.

Acredita-se que educação, renda, moradia, local de residência e de trabalho, entre outras características mutuamente excludentes elencadas no questionário proposto, se traduzem em variáveis sólidas nas pesquisas sociais, e, igualmente, na descrição do perfil socioeconômico das pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda de tapioca. Tal afirmação está sustentada nos aspectos observáveis das variáveis e devido ao fato de apresentarem variação em relação a mesma pessoa. Ademais, os valores de uma mesma variável apresentam atributos que se distribuem adequadamente entre os elementos em estudo.

O que este estudo apontou é que a qualidade e o modo de coleta dos dados são os dois aspectos que mais têm implicações no que diz respeito à validade dos resultados da pesquisa na construção de um perfil socioeconômico das pessoas que atuam no comércio informal de produção e venda de tapioca.

A qualidade dos dados diz respeito às variáveis, isto é, se as variáveis não são adequadamente conceituadas e medidas, correlações observadas entre elas podem não fazer sentido. Tipicamente, *surveys* visam descrever a distribuição das características de uma variável numa população. Como este estudo apontou muitas, se não a maioria, das pesquisas sociais visa determinar as associações entre variáveis e os índices e escalas, quando combinam vários itens de questionário possibilitam amplitude de variação. Finalmente, índices e escalas são dispositivos eficientes para análise de dados. Se um único item de questionário nos dá somente uma localização rudimentar de um respondente numa variável, vários itens podem dar uma medida mais exata e abrangente.

Quanto ao modo de coleta dos dados, todos os entrevistadores precisam estar cientes do potencial e dos efeitos que o modo de aplicação desse instrumento de coleta de dados tem sobre a qualidade dos dados coletados. Uma das conclusões deste estudo é que as pesquisas tradicionais, mediante entrevistas presenciais reduzem as discrepâncias sociais e aumentam a participação de respondentes, levando em consideração o público-alvo deste estudo. Ademais,

há de se considerar os méritos dessa abordagem tradicional de coleta de dados em relação à taxa de resposta, à conveniência social e às temáticas sensíveis tratadas (renda, faturamento).

Outro ponto de vista é que a qualidade dos dados coletados aumenta quanto maior a qualidade dos entrevistadores. Entrevistadores têm alto controle sobre a ordem e a conclusão do questionário, pois podem ser motivadores e esclareceres de dúvidas. Por outro lado, a supervisão, os relatórios, o treinamento dos entrevistadores são aspectos que merecem devida atenção. O tempo gasto nisso depende do escopo e da natureza do *survey* e da experiência relativa dos entrevistadores.

Elaborar um questionário socioeconômico foi um primeiro passo no sentido de desvendar a complexidade do setor informal. De fato, o desconhecimento acerca da realidade dos trabalhadores informais é evidente, tanto por parte do poder público, responsável por encontrar soluções para o problema, como por parte dos pesquisadores, quando querem participar desse processo.

Sobre o setor informal, o que vimos neste estudo é que o conceito, sempre atrelado ao processo de industrialização, vem emergindo desde a observação das economias africanas na década de 1970. A OIT primeiro usou o termo setor informal para descrever as atividades dos trabalhadores pobres que não eram reconhecidos, registrados, protegidos ou regulamentados pelas autoridades públicas. O setor informal da época parecia um fenômeno temporário, destinado a desaparecer à medida que mais e mais países subiam a escada da industrialização. Porém, na década de 1980, observadores notaram que o setor não estava encolhendo, mas sim crescendo, com uma característica central: não está regulado pelas instituições da sociedade em um ambiente legal e social em que atividades similares são reguladas.

Todavia, em Recife, o setor informal não está diretamente relacionado à industrialização, mas muito mais é decorrente mercado local restrito, cuja economia foi limitada por décadas à monocultura de produção de açúcar. Assim, concentração da renda nas mãos dos latifundiários açucareiros e o trabalho escravo geraram disparidades sociais extremas e analfabetismo extensivo, circunstâncias que obrigaram as pessoas a lutar pela sobrevivência na economia informal.

Portanto, sem se tentar desprender-se da imprecisão que envolve a informalidade do segmento em estudo, com base no estudo de Singer (2000)<sup>3</sup> é possível sugerir algumas características do setor informal de produção e venda de tapioca:

---

<sup>3</sup> Singer (2000) identificou algumas características do setor informal, publicada no Mapa do Trabalho Informal no Município de São Paulo. É um projeto de pesquisa coordenado pela Secretaria de Relações Internacionais da

- a. São trabalhadores que saem à luta, tentando ganhar a vida com a produção e venda de tapioca;
- b. Trabalham longas jornadas para ganhar um mínimo;
- c. Os rendimentos são incertos, pelo menos no início de suas atividades;
- d. Trata-se de um serviço de baixa qualificação, mas que tem apelo cultural;
- e. São serviços que exigem experiência e conhecimentos tácito, mas não escolaridade elevada, e, por isso, na maioria deles, há suficiente, se não excesso de oferta.

Com essa pesquisa iniciou-se uma reflexão sobre o setor informal na cidade de Recife. E, a partir dos dados coletados com a aplicação do questionário elaborado, acredita-se ser possível subsidiar ações de inovação inclusivas e a elaboração de propostas para políticas públicas que visem transformar a situação desses trabalhadores. No entanto, este estudo tem suas limitações.

### 5.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Por não ter sido aplicado, a principal limitação deste estudo diz respeito à validação e à confiabilidade do instrumento de coleta de dados. O que se leu dos autores citados neste estudo é que qualquer instrumento tem de ser exaustivamente testado, avaliado, aperfeiçoado e adaptado até que atinja o *status* de validação e possa ser usado com segurança e confiança.

Ademais, este TCC se baseou em uma pesquisa bibliográfica. Embora alguns estudos de autores citados neste estudo sejam inconsistentes ou inconclusivos, a leitura de artigos mostrou que, diferentes modos de administração de questionários provavelmente afetam a qualidade dos dados coletados. Os efeitos parecem mais marcantes entre os modos de entrevista e de auto aplicação. Todavia, um dos principais problemas da literatura é que a maioria dos estudos não utilizou métodos experimentais ou de randomização para alocar os diferentes modos de questionário aos participantes. Assim, as diferenças detectadas nas respostas entre diferentes modos podem ser devidas a diferenças entre cenários ou a diferenças genuínas entre os respondentes.

---

Central Única dos Trabalhadores (CUT) e apoiado pelo Centro de Solidariedade da American Federation of Labor – Confederation of Industrial Organizations (AFL – CIO) dos Estados Unidos, que tem o objetivo de acompanhar a evolução do trabalho informal na cidade de São Paulo. As características aqui apresentadas, foram sugeridas com base nas características que esse autor identificou a partir desses estudos.

Porém, apesar de que o questionário socioeconômico aqui proposto não tenha sido testado, espera-se que a proposta desenvolvida possa ser útil para iniciar um processo de teste e, posteriormente, servir como coleta de dados para traçar o perfil socioeconômico das pessoas que atuam no setor informal de produção e venda de tapioca.

## 5.2 SUGESTÕES NOVAS PESQUISAS

Sugerem-se novas pesquisas para selecionar a amostra da pesquisa e aplicação do questionário. Tipicamente, métodos de *survey* são usados para estudar um segmento ou parcela – uma amostra – de uma população, para fazer estimativas sobre a natureza da população total da qual a amostra foi selecionada.

A maior parte dos manuais de pesquisa aconselha fazer algum tipo de teste do desenho da pesquisa antes da pesquisa maior. Todo o instrumento ou só uma parte dele pode ser previamente testado. Por exemplo, um formato de perguntas abertas pode ser usado de forma proveitosa durante o pré-teste, para determinar categorias de respostas apropriadas para o que poderá se tornar uma pergunta fechada.

## REFERENCIAS

- ALVES, J.E.D.; CAVENAGHI, S. Família e domicílio no cálculo do déficit habitacional no Brasil. XIº Encontro Nacional da ANPUR. **Anais...** Salvador, Bahia, 23 - 27, maio, 2005.
- ALVES, M. T. G.; SOARES, J. F. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. **Opinião Pública**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 1-30, jun., 2009.
- AZEVEDO, I. S.; FREIRE, T. S.; SANTOS, M. S dos S.; SCHOCAIR, G. M. M. Trabalho e formação profissional do assistente social. Desafios contemporâneos. **Anais...** I Colóquio Internacional IV Colóquio Nacional sobre o Trabalho do/a Assistente Social, Maceió, 2 – 4, out., 2017.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisas de survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BERDEGUÉ, J. A. Pro- poor innovation systems. **Background Paper**, IFAD, v.49, dec., 2005.
- BEZERRA, A. C. D.; MANCUSO, A. M. C.; HEITZ, S. J. J. Alimento de rua na agenda nacional de segurança alimentar e nutricional: um ensaio para a qualificação sanitária no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 5, p. 1489-1494, 2014.
- BLAU, P. M.; DUNCAN, O. D. **The american occupational structure**. New York: Wiley. 1967.
- BOWLING, A. **Research methods in health**. Investigating health and health services. Buckinghamshire: Open University Press, 2001.
- BOWLING, A. Mode of questionnaire administration can have serious effects on data quality. **J Publ Health (Oxf)**, v. 27, n. 3, p. 281–291, 2005.
- BRADBURN, N. M. Response effects. In: ROSSI, P.; WRIGHT, J.; ANDERSON, A.; (Eds). **Handbook of survey research**. New York: Academic Press, 1983.
- BRAGA, T. S. O setor informal e as formas de participação na produção: os casos das Regiões Metropolitanas de Salvador e Recife. **Anais...** XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú: MG, Brasil, 18 a 22 de setembro, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências, 1990. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/doc/lei8080.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- \_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>

Acesso em: 19 de out. de 2018.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Decreto Nº 8.727, de 28 de abril de 2016**. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

D.O.U. de 29/04/2016.

Disponível em:

<[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/DEC%208.727-2016?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%208.727-2016?OpenDocument)>

Acesso em: 19 de out. de 2018.

\_\_\_\_\_. Código de ética do assistente social. In: CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO (Ed.). **Legislação Brasileira para o Serviço Social**. São Paulo: CEFESS, 1993.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

**Relatório do 2º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação – 2018**. – Brasília, DF : Inep, 2018. 460 p.

CACCIAMALLI, M. C. **Setor informal e as formas de participação da produção**. Tese (doutorado em Economia). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1983. 144 p.

CALLEGARO, M.; MANFREDA, K.L.; VEHOVAR, V. **Mario callegaro discusses web survey methodology**. Slovenia, University of Ljubljana: SAGE Research Methods, 2017.

CASTELLS, M.; PORTES, A. World underneath: The origins, dynamics, and effects of the informal economy. In: PORTES, A.; CASTELLS, M.; et al. **The informal economy: Studies in advanced and less developed countries**. Johns Hopkins: University Press Baltimore, 1989.

COOL, C. The concept of situation in information science. **Annual Review of Information Science and Technology**, v.35, p.5–42, 2001.

COZZENS, S.; SUTZ, J. Innovation in informal settings: Reflections and proposals for a research agenda. **Innovation and Development**, v. 4, n.1, p. 5-31, 2012.

D'ESPÍNDULA, T. S.; FRANÇA, B. H. S. Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade. **Rev. bioética**. v. 24, n. 3, p. 495-502, 2016.

LEEuw, de E.D.; ZOUWEN, van der J. Data quality in telephone and face-to-face surveys: a comparative meta-analysis. In: GROVES, R. M.; BIEMER, P.P.; LYBERG, L.E. (Eds.). **Telephone survey methodology**. New York: John Wiley and Sons, 1988.

DUNCAN, O. D. A Socioeconomic index for all occupations. In: REISS, A.J. (Ed). **Occupations and social status**. New York: Free Press. p. 109-138, 1963.

FÁVERO, E. T. O. Estudo Social: fundamentos e particularidades de sua construção na área judiciária. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (Org.). **O Estudo social em**

**perícias, laudos e pareceres técnicos:** contribuição para o debate no judiciário, penitenciário e previdência social. São Paulo: Cortez, 2004. p. 9-47.

FERNANDES, A. C.; NOVY, A.; SINGER, P. The linkages between popular education and solidarity economy in Brazil: A historical perspective. In: MOULAERT, F. et al. **The international Handbook of Social Innovation: Collective Action, Social Learning and Transdisciplinary Research**, Elgar Original Reference, Cheltenham: Edward Elgar, 2013. p.1-25.

FERNANDES, A. C. Economic integration of a peripheral region: from state developmentism to globalisation in Northeast Brazil. **Journal für Entwicklungspolitik**, v. 2, 193-212, 1998.

FOLHAPE. **Mercado.** Meio milhão de brasileiros vendem comida na rua. 2018.  
Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/01/1948561-meio-milhao-de-brasileiros-vende-comida-na-rua.shtml> >  
Acesso em: 23 de out. de 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLAAD. **Media reference guide:** transgender issue, 2015.  
Disponível em: <<https://www.glaad.org/reference/transgender>>  
Acesso em: 11 de out. de 2018.

GRACIANO, M.I.G.; LEHFELD, N. A.S. Estudo socioeconômico: indicadores e metodologia numa abordagem contemporânea. **Revista Serviço Social & Saúde.** UNICAMP Campinas, v. IX, n. 9, p. 157-186, julho, 2010.

GRACIANO, M. I. G.; LEHFELD, N. A. S.; NEVES FILHO, A. Critérios de avaliação para classificação socioeconômica: elementos para a atualização parte II. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 5, n. 2, p. 171-201, 1996.

HALLAK, J.; NAMIR, K.; KOZOVITS, L. Setor e emprego informal no Brasil: Análise dos resultados da nova série do sistema de contas nacionais - 2000/2006. **Economia e Sociedade**, Campinas, v.21, n. 1, p 93-113, abril, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Economia informal urbana.** Departamento de Emprego e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

JACOBS, J. **The economy of cities.** New York: Random House, 1969.

JAKOBSEN, K. A.; MARTINS, R.; DOMBROWSKI, O. **Mapa do trabalho informal:** Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

JAKOBSEN, K. A. A Apresentação. In: JAKOBSEN, K. A.; MARTINS, R.; DOMBROWSKI, O. **Mapa do trabalho informal:** Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 13-18.

JANNUZZI, P. M. **Indicadores sociais no Brasil.** 3. ed. Campinas: Alínea, 2004.

KNŠUPER, B.; SCHWARZ, N. Why your research may be out of order. **The Psychologist**, v. 17, p. 28-31, 2004.

LAKATOS, M.A.; MARCONI, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LAMOUNIER, V. L. **Da escravidão ao trabalho livre: a lei de locação de serviços de 1879**. Campinas: Papyrus, 1988.

LIMA, E. M. **A proteção social no âmbito da família: um estudo sobre as famílias do bairro Monte Cristo em Florianópolis**. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LODI, J. B. **A entrevista: teoria e prática**. 7ª ed. São Paulo: Pioneira; 1991.

MHAKA-MUTEFPA, M.; CUMMING, R.; MPOFU, E. Grandparents fostering orphans: influences of protective factors on their health and well-being. **Health Care Women Int**. v. 35, p.1022–1039, 2014.

MIOTO, R. C. Estudos socioeconômicos. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL – ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. p. 481-496.

\_\_\_\_\_; NORA, N. I. Sistematização do conceito de família: indicadores para a ação profissional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 10., 2006, Recife. **Anais X ENPESS...** Recife, ABEPSS, 2006.

MEDEIROS, M.; OSÓRIO, R. **Arranjos domiciliares e arranjos nucleares no Brasil: classificação e evolução de 1977 a 1998**. Brasília: IPEA, 2001.

MONTESSORO, C. C. L. **Centralidade urbana e comércio Informal: Os novos espaços de consumo no centro de Anápolis – GO**. 2006. 355 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2006.

MORALES-VIVES, F.; VIGIL-COLET, A.; LORENZO-SEVA, U.; RUIZ-PAMIES, M. How social desirability and acquiescence affects the age personality relationship. **Personal Individ Differ**. v. 60, (Supplement):S16, 2014.

MUTEFPA, M. M.; TAPERA, R. Traditional survey and questionnaire platforms. In: LIAMPUTTONG, P. (Ed.). **Handbook of research methods in health social sciences**. Springer Nature Singapore Pte Ltd., 2018.

NORONHA, E. G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **RBCS**, v. 18, n. 53, outubro/2003.

- PARK, D. C. The basic mechanisms accounting for age-related decline in cognitive function. In: PARK, D. C.; SCHWARZ, N. (Eds.) **Cognitive aging: a primer**. Philadelphia: Psychology Press, 2000.
- PASTORE, J. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- PASTORE, J.; SILVA, N. V. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Markron. 2000.
- PETRUCCELLI, J.L. Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual. In: PETRUCCELLI, J.L.; SABOA, A. L. (Eds.) **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2013.
- PRESSER, S.; STINSON, L. Data collection mode and social desirability bias in self-reported religious attendance. **Am Sociol Ver.** V. 63, p. 137-145, 1998.
- PRUCHNO, R. A.; HAYDEN, J. M. Interview modality: effects of costs and data quality in a sample of older women. **J Ageing Hlth**, v. 12, p. 3-24, 2000.
- RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social. Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985. 389 p.
- SANTOS, J. A. F. **Estrutura de posições de classe no Brasil: mapeando, mudanças e efeito na renda**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ, 2002.
- \_\_\_\_\_. Uma classificação socioeconômica para o Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.20, n.58, p.27-45, 2005.
- SCALON, M. C. Mapeando Estratos: Critérios para escolha de uma classificação. Dados. **Revista de Ciências Sociais**, v.41, n.2. 1998.
- SCHMELZER, S.E. **Poverty in Brazil: what role do racial differences play?** Master's thesis, 2005.
- SIEMIATYCKI, J.; A comparison of mail, telephone and home interview strategies for household health surveys. **Am J Pub Hlth**, v. 69, p. 238-245, 1979.
- SINGER, P. O trabalho informal e a luta da classe operária. In JAKOBSEN, K. A.; MARTINS, R.; DOMBROWSKI, O. **Mapa do trabalho informal: Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p.11-13.
- SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- SOARES, J. F.; ANDRADE, R. J. Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v.14, n.50, p.107-126, 2006.

- SOUZA, P. R. **A determinação dos salários e do emprego nas economias atrasadas**. Tese (Doutorado em Economia). Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Campinas: SP, 1980. 195 p.
- SOUZA, H. W. O.; BRUM, A. A. S.; ORLANDA, J. F. F. Comércio ambulante de alimentos: condições higiênico-sanitárias e perfil de vendedores ambulantes. **C E S E D – Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento**, v.14, n. 20/21, janeiro a dezembro, p. 7-21, 2013.
- SZYMANSKI, H. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 4ª ed. Brasília: Liber Livro; 2011.
- SYKES, W.; COLLINS, M. Effect of mode of interview: experiments in the UK. In: GROVES, R. M.; BIEMER, P.P.; LYBERG, L. E. (Eds.) **Telephone survey methodology**. New York: John Wiley and Sons, 1988.
- TELES, A. O. **O comércio informal em Feira de Santana, BA: permanências e mudanças**. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. 247 p.
- TOURANGEAU, R.; SMITH, T. W. Asking sensitive questions: the impact of data collection mode, question format, and question context. **Pub Opin Quart**, v. 60, p. 275-304, 1996.
- TOURANGEAU, R.; RIPS, L. J.; RASINSKI, K. **The psychology of survey response: Mode of data collection**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- TRZESNIAK, P. Indicadores quantitativos: como obter, avaliar, criticar e aperfeiçoar. **NAVUS – Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 4, n. 2, p. 5-18, jul./dez. 2014.
- UNITED NATIONS RESEARCH INSTITUTE FOR SOCIAL DEVELOPMENT – UNRISD. **Combating poverty and inequality: structural change, social policy and politics**. Geneva, Switzerland, 2010.
- WYATT, J. C. When to use web-based surveys. **J Am Med Inform Assoc**. v. 7, n. 4, p. 426 – 429, 2000.
- XAVIER, D. G. P.; FALCÃO, J. T. R.; TORRES, C. C. Caracterização da atividade laboral de trabalhadores informais em praia de Natal (RN) – Brasil. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 18, n. 1, p. 29-45, 2015.